

“ Não esqueçam o que eu fui no passado. Não esqueçam o que eu fiz no passado. Pois se não fosse esse passado, eu não estaria aqui junto com vocês. Nós temos orgulho do nosso passado ”

(Lula, comício do Anhangabaú - pag.11)

O REAL ESTÁ NAS RUAS. NÓS TAMBÉM

Como todos os cidadãos responsáveis, torcemos para que o Plano FHC-2 (Plano Real) dê certo. Quanto melhor para o povo brasileiro, melhor para o PT, melhor para a Frente Brasil Popular.

Entendemos também que todo homem público, chefe de Executivo, parlamentar ou ministro nada mais faz que seu dever de ofício quando acerta em favor da maioria do povo.

Mas é também dever de ofício do jornalista advertir para alguns pontos:

1 O plano já nasce com um primeiro vício: sua face nitidamente eleitoreira.

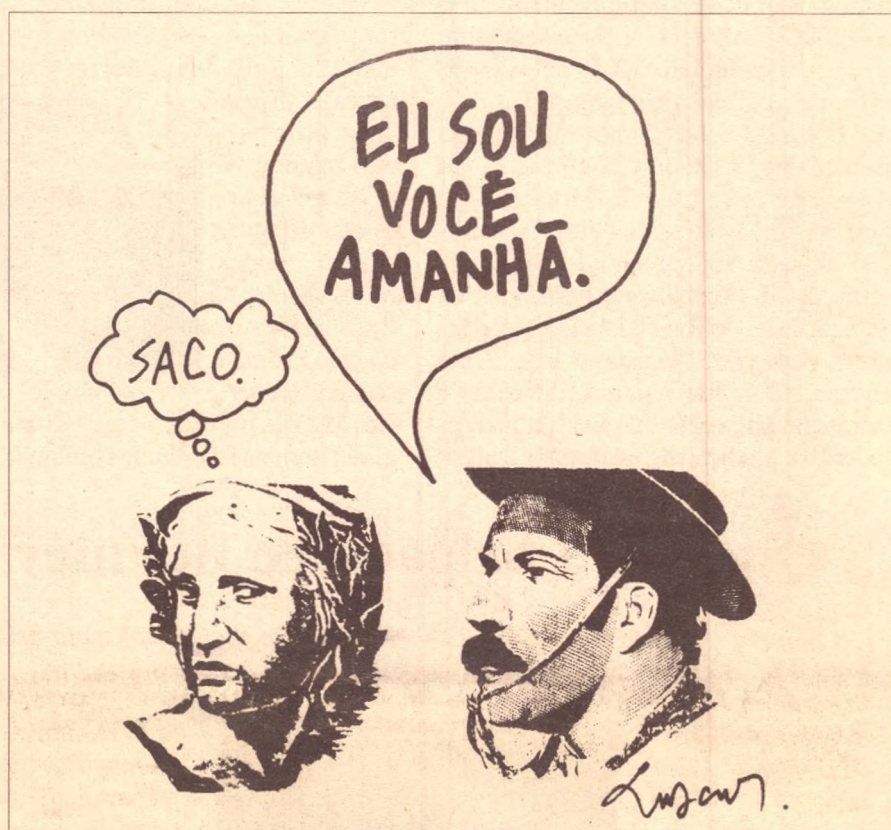
O senador quer ganhar a eleição a qualquer preço. Aliás, o jornalista Jânio de Freitas já denunciou há alguns meses que o senador Fernando H. Cardoso se apresentou aos militares do período da ditadura como alternativa à transição. Jânio de Freitas nunca foi desmentido.

2 Se bem analisado, o plano apresentado trata da crise monetária e econômica, com o vício de sempre: os aspectos da grave crise social em que

está imerso o país serão resolvidos depois, mecanicamente, como um resultado das mudanças econômicas. Já vimos este filme: é preciso o bolo crescer, para depois dividir. Foi o lema da ditadura, e chegamos onde estamos. Ou seja: os chamados “excluídos” são cada vez mais colocados na condição de marginalizados. Alias não existem excluídos. Existe, isto sim, um sistema que integra grandes contingentes através da miséria. O plano do senador mantém e aprofunda esse sistema, ainda que possa conceder migalhas a setores populares “incluídos” no mercado (os setores médios). Na verdade atende ao projeto internacional de ajuste estrutural do FMI que, longe de gerar novos empregos, beneficiará sempre e mais especulações financeiras.

3 Por fim, mais uma vez, fazendo coro ao velho sistema imposto desde 64, o senador-candidato atenta contra a soberania nacional, ao criar a “paridade” com o dólar. Ao tomar como referência a moeda norte-americana, nos deixa mais ainda à mercê da política econômica daquele país. Quem viver verá. (BA)

(Páginas de 4 a 7)



BRASIL
AGORA

ANO II - Nº 61 - 05 A 20 DE JULHO DE 1994 - R\$ 1,00



Sapo Barbudo
anuncia:
reúnem-se os
Estados Gerais
da Cultura

(Pág. 14)



Frente Brasil Popular realiza Encontro
de Comunicação e de Mobilização

(Págs. 15 e 16)

Comitês Populares

Campanha ganha nova força. Várias categorias profissionais já se mobilizaram e atuam organizadas. No exterior, comitês de apoio estão em ação em todos os continentes

(Págs. 10 e 14)

Livro de denúncias é apreendido

"Stuart fora assassinado (...) fora preso na avenida 28 de Setembro, em Vila Isabel, no dia 14 de maio de 1971, e levado para o Destacamento de Operações e Informações do Centro de Defesa Interna (DOI-Codi) (...), segundo assegurou o dublê de médico e torturador Amílcar Lobo. Transferido para (...) o Cisa, no Galeão, foi entregue aos cuidados satânicos do brigadeiro João Paulo Burnier (...). Arrastado num jipe (...) morreu intoxicado pelos gases tóxicos expelidos pela viatura."

Por afirmações como esta, contida na página 40, o livro *O Calvário de Sônia Angel*, de João Luís de Moraes, cujo lançamento noticiamos em nossa edição passada, foi apreendido por determinação do Juiz Gilberto Fernandes, da 8ª Vara Cível do Rio de Janeiro, atendendo ao pedido do brigadeiro João Paulo Burnier. O militar sentiu-se difamado e caluniado por trechos do livro, que o colocam na condição de torturador e autor



Sônia Angel

de várias mortes de presos políticos.

O autor do livro, João Luís de Moraes, coronel reformado do Exército e professor, é o pai de Sônia Angel, assassinada em torturas junto com o militante Antônio Carlos Bicalho Lana. Segundo o livro, Burnier teria participado pessoalmente da torturas e morte dos dois militantes. Sônia

fora casada com Stuart. Frente à ação movida pelo brigadeiro Burnier, Moraes propôs um acordo político irônico: se fosse entregue a ossada de Stuart Angel Jones, "assassinado na Base Aérea do Galeão, comandada por Burnier", Prof. Moraes ele rasgaria publicamente todas as páginas com as referências reclamadas.



RICARDO A. PEREIRA

Quem é o brigadeiro Burnier

Segundo muitas denúncias de presos políticos da década de 70, o brigadeiro João Paulo Burnier, comandante da Base Aérea do Galeão no período mais brutal da repressão (1960-70), foi participante direto de torturas a presos políticos. Um desses presos teria sido Stuart Edgard Angel Jones, militante do MR-8, que foi preso e desapareceu dentro de um aparelho de repressão. Segundo várias testemunhas, entre as quais o escritor Alex Polari Alverga, em carta ao Supremo Tribunal Federal, Stuart foi torturado até a morte na

Base Aérea do Galeão, pelo brigadeiro Burnier, pessoalmente.

Outro caso famoso, que envolve o Brigadeiro, é o Caso Parasar, denunciado pelo capitão Sérgio Miranda de Carvalho, o "Sérgio Macaco". O Capitão teria sido convidado e teria se recusado a participar, em 1968, de um plano terrorista de Burnier, que previa atentados na cidade do Rio de



Brigadeiro João Paulo Burnier

Janeiro, incluindo a explosão do gásômetro e de uma represa. A culpa seria atribuída à esquerda e a repressão seria implantada com toda a força, como foi feito depois do AI-5.

Assassinos de militantes continuam impunes

As mortes de dois militantes do PSTU, em São Paulo, e dois do PT, no Rio, continuam sem solução

As mortes dos dois militantes do PT do Rio e dos dois dirigentes do PSTU, no interior de São Paulo, foram claramente crimes políticos. Até a polícia admitiu isso. "Foi trabalho de profissionais. Eles foram executados", disse o delegado que investiga as mortes de São Paulo. No Rio, o advogado, representante da OAB, que acompanha o caso, foi vítima de ameaças telefônicas. Ao mesmo tempo em que a polícia prendia um alcagüete sob a acusação de crime passionai. Ele teria matado os dois militantes por ciúme.

Nos dois casos a polícia anda a passos de tartaruga, pressionada a dar uma resposta política rápida. A preocupação dos superiores não tem sido com uma solução verdadeira, mas sim com a não exploração eleitoral dos crimes.

O crime de São Paulo

As mortes dos dirigentes do PSTU, em São Carlos, foi um crime premeditado e sem nenhum amorismo. Foi uma execução sumária de dois militantes muito comprometidos com as lutas sindicais e, principalmente, com a luta dos trabalhadores canavieiros da região.

Os corpos de José Luis Sundermann, de 37 anos, e Rosa Hernandes Sundermann, de 38 anos, foram encontrados dentro de sua casa por Carlos Eduardo, filho do casal. Cada um levou dois tiros, e nada foi roubado. O próprio delegado que investiga o caso acredita que não foi um crime comum. "Foi trabalho de profissionais. Não roubaram nada, e isso mostra que foi uma execução", disse o delegado.

O secretário de Segurança de São Paulo, desembargador Odyr Porto, designou mais um delegado para acompanhar o caso, devido às pressões políticas. Mas até agora, passados mais de quinze dias, nada foi apurado e continuam sem identificação os assassinos e as causas do crime.

O crime do Rio

Hermógenes de Almeida Silva, de 34 anos, e Reinaldo Guedes de Miranda, de 39 anos, assessores da vereadora Jurema Batista, presidente do PT do Rio de Janeiro, apareceram mortos com quinze balas nas costas, calibre 9 milímetros, dentro do carro de um deles. Os dois militantes mortos não eram pessoas que interessassem à investigação da polícia carioca. Além de negros, eram militantes do movimento negro, do PT e investiga-

vam os massacres de Vigário Geral e da Candelária. Os desdobramentos continuam piorando o caso, já que há clara intenção de dar uma resposta qualquer para que as pressões parem.

A polícia prendeu, três dias depois do crime, Floriano de Sousa e Silva, o "Nando", e o acusa de assassino, com um estranho motivo para o crime. Ele teria matado os dois militantes por ciúme, já que eles teriam flertado com a namorada de "Nando" durante um baile.

A ficha criminal do acusado é bastante interessante. Já foi preso por porte ilegal de arma e não tem uma profissão definida. Ele foi entrevistado pelo representante da OAB-RJ, André Barros, e negou qualquer envolvimento com o caso, apresentando um alibi com testemunhas, de que estaria em outro local na hora do crime.

Para encontrar o acusado, o advogado teve que percorrer vários departamentos da polícia carioca, pois ninguém sabia afirmar nada sobre sua prisão. Estranhamente, o caso está sob a coordenação direta do delegado Luís Mariano, segundo homem na hierarquia da polícia carioca. Mais estranho é que "Nando" acusa o delegado de ter tido uma conversa reservada com sua namorada num quarto de sua casa na hora da prisão. Além disso, afirma que foi obrigado pela autoridade a assinar um papel sem que lhe permitissem ler o que estava escrito.

O advogado ameaçado

O advogado André Barros, da Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ, foi designado pela seção federal da entidade para acompanhar o caso e acabou ameaçado de morte. Para localizar o acusado ele perambulou por vários departamentos, até conseguir falar com "Nando". "A polícia está recebendo muita pressão para dar uma resposta urgente para o caso", diz o advogado.

As investigações feitas por Barros levam à incômoda convicção de que o caso é muito estranho e está sendo conduzido de forma mais estranha ainda. "O delegado Luís Mariano é homem importante na estrutura policial e está cuidando do caso pessoalmente. A prisão do acusado foi feita de forma arbitrária e ilegal. Não dá para dizer que ele seja culpado ou inocente, pois não há provas de nada, apenas a acusação", diz ele, dando as pistas de por que foi ameaçado de morte.

BRASIL AGORA

Secretário de Comunicação do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores: Marcos Sokol - Diretor: Bruno Maranhão - Editor: Alípio Freire - Sub-Editor: Emílio Alonso - Redação: Dilair Aguiar - Antonio Martins e Ivan Seixas - Diagramação: Jota Maranhão e Jô Campos Silva - Revisão: Fernanda P. Mendes - Sucursal Rio Grande do Sul: Luciane Fagundes, José Luiz Lima e Marco Antônio Schuster. Colaboradores: Alan Rodrigues, Aloisio Moraes, André Singer, Antonio Carlos Fon, Antonio Carlos de Queiroz, Bernardo Kucinski, Breno Altman, Carlos E. Carvalho, Celso Horta, Célio, Cintia Campos, Cláudio Schuster, Denise Neumann, Edmilson de Souza, Emir Sader, Eugênio Buccil, Fernanda Estima, Fernando Paiva, Flamarion Maués, Flávia de Sampaio Leite, Flávio Loureiro, Flávia Pacholski, Francisco Fontanezi, Genaro Urso, Helio Silva, Isaac Akcelrud, João Machado, José Rocha, Juan Pezzutto, Juarez Guimarães, Justino Pereira, Kipper, Linete Martins, Luscar, Manoel Alvarez, Márcia Braga, Márcia Moreira, Marco Aurélio Garcia, Marcos Soares, Maria Lúcia Brandão, Mario Augusto Jakobskind, Maringoni, Marisa Meliani, Marisa Dias Costa, Miadaira, Milton Fogo, Nelson Rios, Nilmário Miranda, Ohi, Pato, Patrícia Cornils, Paulo Barbosa, Paulo Roberto Ferreira, Paulo Zilbermann, Pedro Ortiz, Perseu Abramo, Raimundo Pereira, Rogério Soffili, Rui Falcão, Sérgio Canova, Sérgio Sliester, Walter Ono, Wladimir Pomar.

Brasil Agora é uma publicação quinzenal da Editora Brasil Agora Ltda. - Alameda Gleite, 1049 - CEP 01215 - São Paulo (SP) Fone: 220-7718 - Fax: (011) 221-8078 - Administração: Luiz Maier - Assistente: Valdeci Evangelista - Gerência Comercial: Luiz Maier - Publicidade/Contatos Especiais: Francisco Fontanezi - Coordenador Nacional de Vendas: Milton Fogo - Circulação/Assinaturas: Ana Maria Alves, Lucilene B. Silva - Banco de Dados: Luiz Carlos Medeiros - Coordenação de Vendas S.P.: Hélio Silva - Assinaturas: Rio de Janeiro: Paulo (021)284-5064. Fortaleza: José Vital (085) 254-1133. Porto Alegre: Talles da Rosa (051) 221-7733. Belém: Rui Santana (091) 223-0873. Belo Horizonte: Antonio Borges (Cebala) (031) 222-3735. Florianópolis: Wolney Chucru (0482) 24-1148 - Expedição: Valdeci Evangelista

Impressão: Art Printer Gráficos e Editores - Tel.: 947-2177 - Distribuição: Dinap S.A. - Tiragem desta Edição: 35.000 exemplares

Jornalista Responsável: Alípio Freire

BRASIL AGORA

Assine já
Ligue Grátis
0800 11.1300

Preencha em letra de forma. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA. Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215-001 São Paulo / SP - Fones (011) 220.7718 - 225.0615

Nome:

Endereço

Cidade UF

CEP Fone

Profissão

Cartão de crédito:

VISA CREDICARD AMERICAN EXPRESS

Nº Validade

Assinatura para o exterior (semestral U\$S 40) Assinatura 25 edições (semestral) R\$ 24.00

Assinatura 52 edições (anual) R\$ 46.00

Brasil Agora em Campanha

O *Brasil Agora* é hoje um novo instrumento para eleger Lula presidente no primeiro turno. Um jornal de campanha que passará a ser semanal, levando as orientações da direção para o conjunto dos militantes do PT, da Frente Brasil Popular e sobretudo viabilizando a ligação da Coordenação Nacional com todos os comitês populares e setoriais e grupos de apoio internacionais. Um jornal de campanha que fará circular em todos os Estados as informações - avanços, dificuldades, experiências - dos diversos comitês, divulgando também os temas mais importantes da conjuntura durante o período eleitoral, contribuindo assim para a organização e unificação da campanha. Uma marca registrada das campanhas do PT, e particularmente da de Lula, é a ampla adesão popular. O candidato já alcançou um elevado índice de 41% nas pesquisas sem que tenhamos colocado em ação aquele que é o nosso maior patrimônio: a atividade voluntária dos milhares e milhares de militantes anônimos que ultrapassam amplamente as fileiras do PT.

Precisamos ajudá-los a organizar e construir os comitês Lula Presidente



para consolidar a nossa vantagem eleitoral, vencer as eleições e estruturar a base popular em nível nacional e os apoios internacionais necessários à

governabilidade. Esses comitês precisam entrar em ação e se multiplicar aos milhares por todo o território nacional, dando consistência orga-

nizativa a nossa participação na disputa eleitoral e na constituição da força social de mudança. É justamente aí que cabe ao *Brasil Agora* uma parcela de responsabilidade na mobilização e organização popular da campanha para garantir a vitória no primeiro turno das eleições.

Para tanto, estamos montando uma nova estrutura em nosso jornal, acertando um calendário preciso, para que a edição de 30 de julho marque sua nova periodicidade e seu novo projeto gráfico editorial. Até lá, a casa estará em ordem.

Por enquanto, embora uma nova equipe já esteja sendo formada, o *Brasil Agora* continuará saindo quinzenalmente.

É hora dos comitês de campanha.

É hora de elegermos Lula, os governadores da Frente Brasil Popular e as bancadas federais e estaduais.

É hora desde já de construirmos a base social de sustentação do nosso governo.

**Lula lá
Campanha já**

Trabalhadores da bola

"É preciso ter o futebol no sangue, e a gente, neste momento, não duvida de que qualquer laboratório detectaria a sua presença nas veias de cada brasileiro, numa mistura balanceada com glóbulos brancos e vermelhos" (Mino Carta - em editorial da Revista Isto É - nº 212 - jan/81)

Há quase dez anos, perguntávamos em um artigo ("O Fenômeno cultural chamado futebol - uma proposta de Estudo"):

"... Que segredo é esse do futebol que faz com que 130 milhões de brasileiros - uns vítimas da seca do Nordeste, outros das enchentes do Sul, a maioria vítima de um sistema que deles suga toda a vontade de resistir -, de repente, como que tocados por uma varinha mágica, por um feitiço coletivo, permaneçam durante noventa minutos presos à magia de 22 homens (ou deuses?) dentro de um campo de futebol? Que encantamento é esse do futebol que faz surgir de todas as esquinas do país, das palafitas cobertas de folhas de babaçu às suntuosas residências dos coronéis, a mesma emoção, o mesmo sofrimento, a mesma alegria contagiante no instante do gol, como se aquele momento supremo do jogo de bola fosse capaz de anular as diferenças sociais? Que mistério é esse do futebol que faz surgir do orçamento deficitário do povo uma inesperada reserva para o deslocamento até os grandes estádios(...), para a compra de rojões, panos e tinta para as faixas visando a saudação de seus ídolos e para a leitura de toda a gama de jornais e revistas, especializados ou não, pois todas reportam-se a ele, futebol? Que fenômeno é esse do futebol, capaz de

viabilizar a união de todos (ainda que circunstancial e provisoriamente) em torno de um ideal comum - como por ocasião dos Campeonatos Mundiais -, aproximando os extremos e congregando todas as correntes de pensamento, união esta por demais tentada e poucas vezes alcançada em outros momentos da vida nacional? (...) Serão as respostas a essas perguntas a demonstração de estar no futebol uma espécie de reafirmação do espírito brasileiro, de sublimação dos seus problemas, da sua capacidade de luta e de seu desejo de marcar a sua posição no cenário internacional? Quais serão seus verdadeiros valores? O que o faz despertar tantas paixões? Qual a razão de sua tamanha identificação com o brasileiro?..."

De lá para cá assistimos, ao lado das preocupações com a evolução técnica e tática do jogo de bola, um crescer de reflexões e debates nos quais ele, futebol, é reconhecido como uma das práticas sociais mais significativas do mundo contemporâneo e, em nosso país, identificador da nossa cultura corporal esportiva - quantos de nós não tivemos, em nosso nascimento, um par de chuteirinhas penduradas orgulhosamente por nossos pais ou avós nas portas dos nossos quartos? Somente neste ano de 1994 - ano de Copa do Mundo - passa de uma dezena os lançamentos de livros retratando o futebol em suas mais distintas facetas, nenhum deles, entretanto, com a propriedade de Mario Filho, no clássico de 1947, *O negro no foot-ball brasileiro*, reconhecido por Gilberto Freire, que o prefacia, como um verdadeiro tratado antropológico da sociedade brasileira.

Pois é neste clima de festa e euforia que milhões de brasileiros - crianças em

particular - sonham, um dia, vestir a camisa da seleção de seu país ou, mais modestamente - porém não muito - de um dos grandes clubes estrangeiros ou - vá lá - aqui da "terrinha" mesmo. Afinal de contas, já se acostumaram a acompanhar, pela mídia, notícias dos milionários (em dólares, é claro) contratos dos astros esportivos, que lhes permitem ostentar um padrão de vida invejado pela maioria da população que, como a "Maria" cantada por Milton Nascimento, "não vive, apenas agüenta".

Como contraponto, portanto, ao clima festivo mencionado, como também a esse processo de ideologização sustentador do mito da ascensão social através do esporte, vale a pena nos reportarmos a alguns dados fornecidos pela Confederação Brasileira de Futebol, publicados pela *Folha de São Paulo*, em 19 de janeiro último, alusivos à remuneração do atleta de futebol profissional - os trabalhadores da bola - no ano de 1993.

Conforme as informações fornecidas pela CBF, 19,25% deles ficaram na faixa dos que receberam valores correspondentes a 1 salário mínimo; 51,38% - de 1 a 2; 19,60% - de 2 a 5; 6,77% - de 5 a 10. Apenas 3% do total de jogadores receberam salários acima de 10 mínimos. Resumindo: 90,23% dos trabalhadores da bola obtiveram uma remuneração mensal da ordem de 1 a 5 salários mínimos; 70,63% deles receberam, por mês, de 1 a 2 salários.

Por fim, por conta das normas que regem as relações trabalhistas dos atletas profissionais de futebol - ratificadas pela Lei Zico (L. 8672/93), que veio em nome da modernização do esporte no Brasil -, mais correto seria nos referirmos a eles como "escravos da bola",

pois talvez sejam, hoje em dia, um dos últimos trabalhadores a não possuir a propriedade de sua força de trabalho, a qual, motivada pela famigerada "Lei do Passe", fica quase sempre, nas mãos dos clubes ou, mais apropriadamente, nas dos empresários (gatos?) do esporte. Aí está algo que um Governo Popular e Democrático não pode deixar de combater. Por isso, vamos ao trabalho e ... salve a seleção, que ninguém é de ferro!

LINO CASTELANI FILHO - Professor da Unicamp e integrante do Setorial Nacional - Esporte e Lazer - do Comitê Nacional Lula Presidente.



Zé Dirceu, candidato a governador de São Paulo

Campanha em São Paulo rumo ao Tetra

Os candidatos majoritários da Frente Brasil Popular em São Paulo, Zé Dirceu (governador), Galdino (vice), Luíza Erundina e João Herman (senadores), estão organizando para o próximo sábado, dia 9 de julho, a *Carreata Rumo ao Tetra*. A concentração vai ser na praça Princesa Isabel, às 11:00 horas. O movimento promete pegar.

Real estréia com

À última hora, e após intervenção de FHC, a equipe econômica

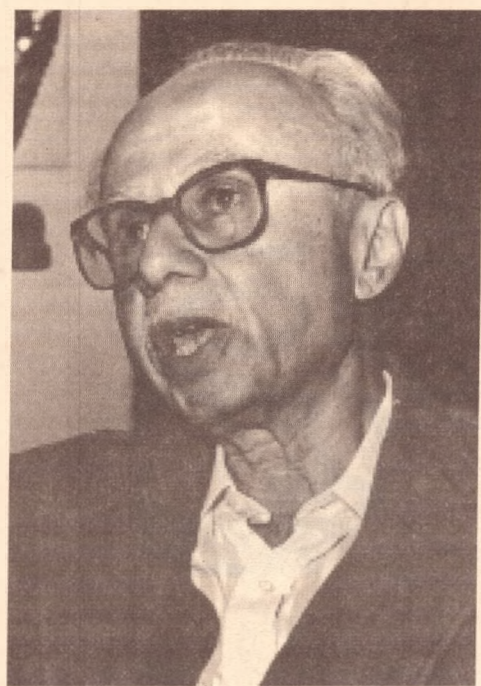
No início da tarde do dia 30 de junho (véspera do Real), o representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional, Alexandre Kafka, procurou o diretor da instituição, o francês Michel Camdessus, e entregou-lhe formalmente a íntegra das decisões que o governo brasileiro acabara de editar, com vista à entrada em cena do real, segundo informações publicadas pela *Gazeta Mercantil*.

A Medida Provisória lançada no dia 30, segundo o jornal, corresponde perfeitamente às "recomendações" feitas pelo próprio Camdessus quando se encontrou, em 16 de março último, com o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Ao contrário do que ocorreu há três meses e meio, hoje já não haveria, por parte do FMI, qualquer obstáculo à assinatura de um acordo com o Brasil.

A mão de FHC

Os dias que antecederam a introdução da nova moeda, de acordo com a *Gazeta Mercantil*, em sua edição de 1º de junho, foram marcados não apenas por reuniões incessantes da equipe econômica mas também por contatos frequentes entre o candidato do PSDB-PFL-PTB à Presidência, Fernando Henrique, e o presidente Itamar Franco. O resultado dessas reuniões e desses contatos foram três mudanças, que tornam o plano econômico ainda pior que se previa.

Como era de se esperar, Itamar recuou da decisão de adotar algum tipo de controle sobre os preços e de punir os oligopólios que praticaram remarcações frenéticas às vésperas do dia 30. Foram estabelecidas metas mais ou menos rígidas para a emissão de moeda e ficou decidido, segundo afirmou o ministro Ricupero, que o governo ten-



Jacob Gorender, historiador e economista, Maria da Conceição Tavares e Carlos Eduardo Carvalho, economistas

tará segurar a inflação mantendo ou elevando ainda mais as taxas de juros.

Por último, e pior que tudo, o governo decidiu lançar, por Medida Provisória, o que a repórter Míriam Leitão, do *Globo*, chama de "um autêntico programa paralelo de privatizações". O objetivo é permitir que os grandes grupos econômicos continuem obtendo lucros fartos na ciranda financeira, e entregar a eles agora, em vez de dinheiro vivo, ações das estatais mais importantes e rentáveis - entre elas Petrobrás, Banco do Brasil, Vale do Rio Doce e Eletrobrás.

A cara do arrocho

As conseqüências da decisão de congelar salários e deixar os preços livres começaram a aparecer com mais crieza já no dia 30. O Dieese e o Procon de São Paulo revelaram que a cesta básica de 31 itens mais consumidos pelos assalariados subiu 61,84% em junho. A

inflação da cesta, em URV, atingiu 10,09% em apenas 30 dias. Os produtos, que custavam até fevereiro 85,04 URVs, atingiram agora 106,41 URVs. Em apenas quatro meses, portanto, o Plano FHC-Real subtraiu 20,13% do valor real dos salários. Por mais que se procurem exemplos anteriores, será difícil encontrar casos de arrocho tão acelerado.

Os compromissos da equipe econômica e de FHC com os interesses dos grandes grupos econômicos impediram qualquer controle oficial de preços. A *Gazeta Mercantil* e a *Folha* sustentam que o ministro Rubens Ricupero e o ex-ministro Fernando Henrique conseguiram convencer o presidente Itamar Franco a não adotar medidas efetivas contra os oligopólios.

Afinado com o pensamento liberal, o governo prefere combater os preços através dos chamados "mecanismos de mercado". Nas horas que pre-

cederam o anúncio do plano, o governo decidiu incluir na Medida Provisória limites mais ou menos rígidos para a emissão de moeda, o que foi saudado por economistas conservadores como Mário Henrique Simonsen. Para tentar segurar a inflação, é provável que a equipe econômica procure desestimular o consumo, aumentando ainda mais as taxas de juros.

Os números e a vida

O mundo frio das estatísticas pode dar algum resultado. Os juros muito altos devem levar as empresas e a parcela da população que tem acesso às aplicações financeiras a evitar investimentos e compras, o que poderá manter as taxas de inflação em patamares que Fernando Henrique não cansará de comentar com otimismo.

Mas na vida real será provavelmente um inferno duplo. Por um lado, e ainda



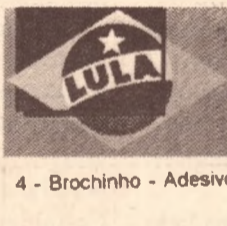
1- Brochinho - Adesivo Camisa



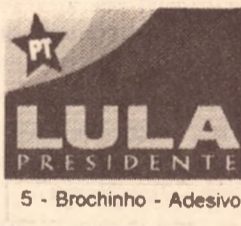
2- Brochinho - Adesivo Camisa



3 - Brochinho - Adesivo



4 - Brochinho - Adesivo



5 - Brochinho - Adesivo



6 - Brochinho - Adesivo



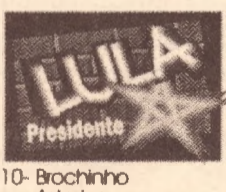
7 - Brochinho - Adesivo



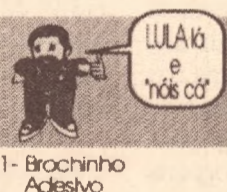
8- Brochinho - Adesivo Plástico



9- Brochinho - Adesivo



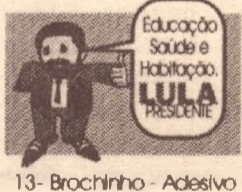
10- Brochinho Adesivo



11- Brochinho Adesivo



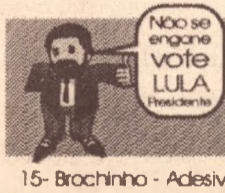
12- Brochinho - Adesivo Camisa



13- Brochinho - Adesivo



14- Brochinho - Adesivo



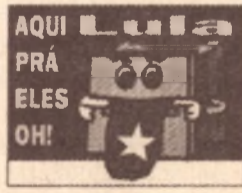
15- Brochinho - Adesivo



16- Brochinho



17- Brochinho



18- Brochinho



19- Brochinho



20- Brochinho



21 - Brochinho



22 - Brochinho



23 - Brochinho - Plástico Camisa - Bandeira

PREÇOS

.Broches..... 10 Centavos
 .Adesivos, (cart. c/15).... 1.20 REAIS
 .Plásticos p/carro..... 43 Centavos
 .Camisas..... 3.60 REAIS
 .Bandeiras..... 3.60 REAIS
 -Deec. p/quantidades maiores

BROCHINHOS, ADESIVOS, CAMISAS PLÁSTICOS P/ CARRO, BANDEIRAS

PEDIDOS: TEL: 027 - 2228479

B.A.BA AUDIOVISUAL - C. Post. 01-1145 Vitória -ES, Cap.29 001-970

bênçãos do FMI

adotou medidas que tornam o plano ainda pior do que parecia



Operação surpresa

Quando o candidato Fernando Henrique Cardoso anunciou o Plano Real, rebateu as críticas prometendo que a nova moeda não seria "contaminada" pela inflação: os preços e salários, segundo ele, seriam transformados em URVs e mantidos assim "no futuro" — entenda-se até as eleições de outubro.

O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Vicente Paulo da Silva, decidiu conferir a promessa, e foi no último dia 14 de junho comprar os produtos de uma cesta básica num dos supermercados da rede Pão de Açúcar, do empresário Abílio Diniz.

No final das compras, Vicentinho constatou o mesmo que as donas de casa: a promessa de FHC já está furada. Os 31 produtos da cesta básica custaram 122,80 URV, ou 52,15% acima da média dos preços, em URV, nos supermercados paulistas, entre setembro e dezembro.

Mesmo sendo dia de oferta, um salário mínimo, de 64,79 URVs, valeu pouco mais da metade de uma cesta básica. "Enquanto os salários foram convertidos pela média, os preços vão para o pico a cada instante", comentou Vicentinho, recordando que os salários estão congelados desde março.

que a velocidade das remarcações diminua, bastam os aumentos dos últimos meses e o congelamento dos salários por um ano para transformar a ida aos supermercados, ou aos armazéns da periferia, num inferno.

Por outro lado, a manutenção da política de juros estratosféricos obrigará o Tesouro Nacional a continuar entregando aos aplicadores na ciranda financeira os recursos que o governo alega faltarem para a saúde, a previdência, a educação e todos os programas sociais. O ministro do Planejamento anunciou um dia antes da entrada em cena do Real que o Palácio do Planalto desistiu até mesmo do plano de emergência que seria lançado para enfrentar o aumento alarmante da mortalidade infantil no Nordeste, denunciado pela CNBB. O programa custaria 379 milhões de dólares, seguramente menos de um décimo do que o Tesouro já transferiu este ano aos credores da dívida interna.

Privatização selvagem

A equipe econômica certamente percebeu que o pagamento de rios de dinheiro aos aplicadores na ciranda poderia obrigar a novas emissões de moeda e pôr em risco, ainda antes das eleições, a frágil "estabilidade" do real. À última hora surgiu uma emenda muito pior que o soneto.

Os artigos 29 a 32 da Medida Provisória, que pegaram de surpresa todos os analistas, instituem uma nova modalidade de privatização, ainda mais selvagem que a iniciada pelo governo Collor. Os artigos criam um Fundo de Amortização da Dívida Pública, que tem a finalidade clara de preservar os ganhos dos aplicadores na ciranda, sem comprometer o plano.

Com a criação do Fundo, fica abert-

ta a possibilidade de remunerar os grandes grupos econômicos credores do Tesouro não mais com cruzeiros, ou reais - e sim com ações das empresas estatais mais lucrativas. A MP estabelece, é verdade, que por enquanto a União não poderá perder o controle dessas empresas - essa fase ficaria, já se cansou de repetir Fernando Henrique, para depois de sua pretensa "posse". A selvageria do processo começa agora. Lembra a própria *Gazeta Mercantil* que ao contrário do Programa Nacional de Desestatização de Fernando Collor, que "exige um processo lento de venda, com avaliações, preço mínimo e editais, as ações do Fundo serão vendidas quando o BNDES julgar mais adequado, julgando o comportamento do mercado acionário".

Um adversário duro

Nas próximas semanas, é provável que a vida política do país e a própria disputa pelo governo passem a girar em torno do debate sobre o plano. As características francamente reacionárias do Real não podem levar, no entanto, a crer que ele é uma arma eleitoral fracassada de antemão. Precisamente por ser muito favorável às elites, o plano poderá mantê-las coesas. Nos últimos dias os jornais tornaram-se ainda mais acríticos frente ao "programa de estabilização", e as TVs tentam promover um autêntico massacre ideológico a favor dele. "Tão importante como ser um sucesso é parecer um sucesso", lembra hoje, com propriedade, o jornalista Gilberto Dimenstein, em artigo publicado pela *Folha de São Paulo* no dia 1º de julho. As elites tentarão convencer o povo a admirar estatísticas, em vez de refletir sobre sua própria vida. A batalha política que começa com o Real será das mais duras.

Economistas da Frente avaliam pontos da política econômica

Brasil Agora ouviu estudiosos da economia e apresenta suas opiniões

Carlos Eduardo Carvalho

"O plano não se propõe a atacar os problemas estruturais da economia brasileira, como a questão do emprego, da distribuição de renda, etc. É um plano que liberou o capital para se adaptar às novas regras. Se os preços de atacado dos oligopólios se mantiverem durante os próximos meses, a inflação na ponta do consumo pode crescer num primeiro momento, mas deverá regredir posteriormente. A política de salários e tarifas estabilizadas e juros altos pode manter a inflação controlada.

Sou um pouco mais otimista que outros companheiros, mas a regra cambial de paridade do real com o dólar pode causar sobrevalorização da nossa moeda, afetando a produção, e muitos produtos poderão ser substituídos por importados."

Jacob Gorender

"Não sou contra baixar a inflação, mas o plano tem como componentes fundamentais o congelamento dos salários e dos vencimentos dos aposentados, enquanto os outros preços estão livres, apesar de se dizer que haverá controle.

A inflação, no entanto, ainda terá um efeito residual no mês de julho, e é de se esperar que alguns fatores venham alterar a inflação em novembro e dezembro. Nessas condições, justifica-se o *déjà-vu* (já visto) dos céticos, embora esse plano não tenha congelamento de preços como em planos anteriores. A estrutura é diferente, mas a base econômica ainda é precária. Só oferece estabilidade monetária, que com o tempo vai se dissolver. O plano não deverá sustentar a paridade do real com o dólar. Trata-se de uma dolarização envergonhada que não vai ter efeito duradouro, como na Argentina. A candidatura de FHC depende do real, o que representa um estelionato eleitoral. Qualquer candidato vai recolher os destroços desse pla-

no e Lula, com certeza, será o mais atingido se for eleito."

Maria da Conceição Tavares

"Logo, logo a alquimia vai terminar, a 3 de outubro mais precisamente, e podemos esperar uma inflação em real, em julho, superior à prevista pelos vários institutos de estatísticas. A inflação em dólar ou em URV-Real, que vinha em média em torno de 1,5%, não cairá em julho; pelo contrário, subirá, podendo alcançar até 7%. Com isso a alta dos preços acumulada de março a julho pode superar 10%.

Agrego outras críticas, habitualmente silenciadas. O problema adicional da política monetária é crescimento da dívida interna, que subiu mais de 40% em termos reais, nos últimos seis meses. Para financiar os gastos operacionais do governo? Não, apenas para premiar os especuladores que ganham uma fortuna. Os juros pagos a esses cavalheiros representam, no primeiro trimestre deste ano, cerca de 60% do total das despesas operacionais do país."

César Benjamim

"Em primeiro lugar os pressupostos do plano não foram cumpridos. O país está sem orçamento fiscal e a reforma constitucional não vingou.

Assim, o plano se resume a uma reforma monetária e a uma pseudo-âncora cambial que todos sabem que é provisória. Além disso, é um erro comparar a inflação atual em cruzeiros reais com a inflação de julho em diante em real. Na verdade, a inflação em real tem que ser comparada com a inflação em URV. Com isso, é bem provável que a terceira fase do plano seja implantada em uma situação de inflação ascendente.

A taxa de câmbio também pode ter impacto negativo sobre as exportações e incremento das importações. A queda das reservas cambiais trama uma situação muito complicada nas contas externas para o próximo governo."

“O Fernando Henrique conhece cada botequim de Paris e Londres, mas não sabe que existe profissão de quebradeira de coco de babaçu no Norte do Brasil”

(Lula, comício do Anhangabaú - 12 junho 94)



Cair no real

No dia 1º de julho o doente chamado Brasil, nascido em berço esplêndido mas exaurido pela ganância das elites, ingressou em seu sétimo tratamento intensivo, adotando o Plano Real. Em oito anos, ao famélico paciente foram prescritas diferentes posologias do remédio de combate à inflação: o Plano Cruzado 1 (1986), o Plano Bresser (1987), o Plano Verão (1989), o Plano Collor 1 (1990) e o Plano Collor 2 (1991). Nenhum deles fez o país retomar o crescimento econômico, paralisado desde 1980, nem reduziu a miséria, que atinge hoje 32 milhões de brasileiros.

Remédios costumam ter efeitos colaterais. O Plano Cruzado 1 funcionou como estelionato eleitoral do presidente Sarney, assegurando a vitória dos candidatos do PMDB. Após as eleições, o plano foi modificado, o congelamento de preços recebeu o bafo quente do dragão inflacionário e os "fiscais do Sarney" ficaram com a amarga sensação de que serviram, involuntariamente, de cabos eleitorais. Outro efeito colateral deveria fazer a nação corar de vergonha: segundo a ONU, em matéria de concentração de renda o Brasil, entre os países do mundo, só fica atrás de Botswana, um pequeno país no sul da África.

Como estamos em novo ano eleitoral e o presidente Itamar Franco tem candidato declarado à sucessão, nada como mais um plano para tentar iludir a boa-fé dos brasileiros. Em tese, trata-se de zerar a inflação e retomar o desenvolvimento. Contudo, ao contrário dos demais planos, este criado por Fernando Henrique Cardoso - que exige até direitos autorais sobre a obra - é o primeiro a ser aplaudido unanimemente pelas elites. Os únicos a chiar são os trabalhadores, que perderam, na conversão dos salários, cerca de 40% de seu poder aquisitivo.

A partir de 1º de julho, a especulação financeira mudou de endereço. Os grandes especuladores já correm para o dólar ou percorrem os olhos pelos classificados de imóveis em busca de

bons negócios. Os médios e os pequenos ficam entre a poupança e o consumo. Ou melhor, ficariam, porque os donos dos supermercados, para quem até agora não existe governo, lei ou polícia, já se anteciparam e remarcararam seus preços em escala astronômica. Assim, o mingado salário mínimo - hoje em torno de CR\$ 140.000,00 - já perdeu, no mês de junho, 10,8% de seu poder de compra. Dos 64,5 milhões de trabalhadores brasileiros, 80% ganham, por mês, no máximo três salários mínimos.

Hoje, os preços ainda sobem em cruzeiros reais. Depois de 1º de julho, subirão em URV, ou seja, teremos inflação em dólar! É claro que, num primeiro momento, os aumentos serão discretos e os consumidores, com a redução da escalada inflacionária, terão a sensação de que as coisas melhoraram. Isso poderia ocorrer de fato se o governo usasse a lei contra os que ganham com a inflação. Fraco em autoridade, o governo prefere reduzir as alíquotas de importação, trazendo produtos estrangeiros para concorrer com os nacionais ou multinacionais fabricados aqui mesmo. Ou fazer uso de suas reservas cambiais, em torno de US\$ 36 bilhões, o suficiente para bancar o Plano Real até o dia 3 de outubro, quando os eleitores brasileiros irão às urnas.

O que o Brasil necessita não é de planos mirabolantes, é de governo que o administre em benefício de 160 milhões de habitantes, e não apenas dos 30 milhões de privilegiados que sonham com o Primeiro Mundo e convivem amedrontados com crianças de rua. Se em outubro os eleitores quiserem, no próximo ano o país recupera a saúde perdida no início dos anos 80. Quem não vai gostar são os "médicos", todos esses que ganham fortunas com a ciranda financeira e seus planos de estelionato eleitoral. Mas o Brasil terá alta e sairá caminhando com as próprias pernas, sem as muletas do FMI.

FREI BETTO

Salário mínimo continua aviltante

Dois dias após o governo ter anunciado a pretensão de reajustar o salário mínimo em 8% — que passará de 64,79 dólares para 70 dólares em setembro —, a Comissão de Trabalho da Câmara aprovou o projeto de lei do deputado Paulo Paim, do PT, que estabelece um mínimo de 100 dólares já em agosto.

A proposta do governo, às vésperas da implantação da nova moeda, representa mais um impulso para fortalecer a campanha de FHC, e está muito aquém da recuperação necessária para uma vida digna.

O salário mínimo, segundo a Cons-



Deputado Paulo Paim (PT - RS)

tuição, deve corresponder às necessidades básicas de uma família (dois adultos e duas crianças) a partir dos custos de uma cesta básica de alimentos.

A pesquisa de maio do Dieese/Procon mostrou que para comprar uma cesta básica com 21 produtos, incluindo materiais de limpeza doméstica, o trabalhador teria que desembolsar cerca de 100 dólares.

Mais realista, a proposta de Paim sugere aumentos mensais de acordo com a inflação e anuais não inferiores ao crescimento do PIB do ano anterior.

Bisol esvazia golpe do PFL

O candidato a vice-presidente da Frente Brasil Popular, senador José Paulo Bisol, retirou quatro emendas que apresentou ao Orçamento da União, pedindo recursos para a construção de uma ponte e a canalização de um rio no município mineiro de Buritis, onde tem uma fazenda. A decisão foi tomada diante do estardalhaço feito pela imprensa, que o acusou de tentar beneficiar-se com as obras.

Bisol explicou que havia apresentado as emendas a pedido do prefeito de Buritis, Pedro Jacy Taborda (PFL), acrescentando que o caso foi um "negócio armado" para prejudicar a candidatura de Lula. Mesmo porque sua propriedade se localiza a mais de 100 quilômetros de onde seria construída a ponte - uma informação dissimulada pelos jornais.

PT debate administração

Técnicos, profissionais e dirigentes sindicais do PT estarão reunidos em Brasília, de 24 a 27 de julho, para o seminário "O governo democrático e popular e a administração pública federal".

Os objetivos do encontro são, entre outros, "confirmar princípios" como "transparência, controle social e democratização do Estado, reunir elementos para a definição de uma pauta de medidas emergenciais a ser adotadas nos primeiros dias de governo, debater a relação entre o Governo Democrático e Popular e os trabalhadores do setor público federal, levantar subsídios para a campanha presidencial e formar grupos temáticos setoriais para prosseguir no planejamento estratégico da viabilização do Programa de Governo".

Inscrições, até 15 de julho. Maiores informações, fone (011) 225-3280.

O SOM NA MEDIDA DE SUA NECESSIDADE

A DISKSOM produz equipamentos de qualidade para ser usados em qualquer ambiente, parado ou em movimento. É muito simples, funciona com a bateria do carro. Você investe pouco e uma vez só.

GARANTIA DE 180 DIAS.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA.
DESENVOLVEMOS PROJETOS E MONTAGENS
ESPECIAIS PARA ÔNIBUS, CAMINHÕES COM
VÍDEO E AUDITÓRIO.

DISK SOM

COMÉRCIO E MANUTENÇÃO

CONVERSE CONOSCO: VADO OU VANESSA
TEL.: (011) 34 7244

Rua Silveira Martins, 12 - Centro,
Próximo à Praça da Sé - São Paulo/
SP - Fax (011) 350717



KOMBÃO

1450 watts de potência. Gabinete com mesa, duplo deck, microfone, 6 caixas profissionais, baú com palanque opcional, possibilidade de utilizar gabinete para sonorizar auditórios.

Governo Lula vai criar 8 milhões de empregos

A geração de empregos está associada ao crescimento econômico, mas o programa "Mais e melhores empregos para os brasileiros", apresentado pelo PT, prevê ações específicas e mostra de onde vai tirar os recursos

Quinze milhões de pessoas. Esse é o contingente de trabalhadores que estará perambulando atrás de emprego no ano 2000, segundo projeção da assessoria econômica da campanha de Lula, caso o quadro atual de crescimento da economia e da População Economicamente Ativa (PEA) se mantenha.

Pensando exatamente nesse exército de desempregados é que o PT lançou um controvertido programa de geração de 8 milhões de empregos ao longo dos quatro anos de gestão, apresentado dia 9 de junho, via Embratel, para 21 Estados e 41 cidades do país.

De acordo com Jorge Mattoso, coordenador do programa "Mais e melhores empregos para os brasileiros", além da criação de novos postos de trabalho o governo Lula pretende formalizar 14 milhões de empregos já existentes, cujos trabalhadores têm apenas vínculos precários ou de nenhum tipo, além de campanhas de treinamento e regulamentação de profissões.

Emprego já

"A proposta de aumentar a oferta de empregos ganhou força porque está entre as aspirações mais urgentes da população", diz Mattoso, acrescentando que "no Brasil, nunca houve uma política de emprego que realmente enfrentasse o grave problema da reestruturação produtiva, associada ao passado de exclusão."

Os números mostram que a preocupação da população faz sentido. Após quatorze anos de recessão econômica, a política oficial foi responsável pelos 8 milhões de desempregados atualmente existentes, sendo que cerca da metade da mão-de-obra está inserida no setor informal, sem carteira de trabalho assinada e sem acesso à Previdência Social. A situação é ainda mais cruel quando se trata de mulheres, negros e crianças — uma em cada sete crianças de 10 a 14 anos já integra o mercado de trabalho, apesar das altas taxas de desemprego.

Durante o governo Collor (1990-92), a política neoliberal de abertura do mercado, em meio à forte recessão, causou a eliminação de 2 milhões de empregos, aprofundando a crise social já evidente.

Crescimento econômico

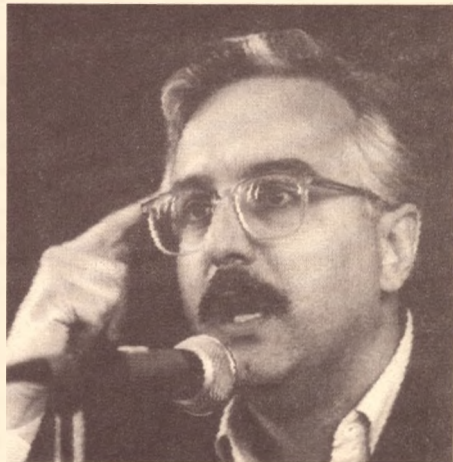
"A base do nosso programa" — diz Mattoso — "está na retomada do crescimento econômico e para isso a criação de empregos é indispensável. Queremos combater a inflação, mas não como nos outros planos de estabilização. Queremos também a melhoria das condições de vida e a diminuição da desigualdade social."

Segundo Mattoso, o programa de emprego do PT deve trabalhar em três frentes, através de um conjunto de po-



ARGUIVO BA

Apesar das altas taxas de desemprego, uma em cada sete crianças de 10 a 14 anos já está trabalhando. Abaixo, o coordenador do programa de emprego do PT, Jorge Mattoso.



NIELS ANDREAS - FOLHA IMAGEM

Programa causa polêmica

A apresentação do programa "Mais e melhores empregos para os brasileiros" causou polêmica, não só entre os economistas conservadores, mas também na grande imprensa, que se encarregou de tentar formar opinião pública contrária. As principais críticas: não é possível criar mais empregos e não há recursos suficientes.

Para mostrar que o programa de geração de empregos não é um malabarismo de campanha, o PT apresentou, além das necessidades óbvias e do quadro social causado pelo desemprego, uma minuciosa descrição de onde obter os recursos necessários para implementar o programa.

Segundo Jorge Mattoso, os recursos até existem, mas são mal utilizados, servindo exclusivamente para tapar buracos do Tesouro e de grandes interesses pouco geradores de empregos. O principal eixo do programa está vinculado a uma ampliação do nível de investimento total na economia brasileira, dos 16% do PIB verificados em 1993 para 25%, valor próximo da média de anos anteriores.

Mas, de acordo com a proposta do PT, o crescimento da economia não basta para que esse grande con-

tingente de trabalhadores assegure seus postos de trabalho.

Assim, o programa prevê a criação de dois fundos específicos: o Fundo Nacional de Solidariedade, composto de recursos orçamentários e tributação de grandes fortunas, com a regulamentação de dispositivo previsto na Constituição, e o Fundo para a Reestruturação Produtiva, voltado especificamente para o processo de modernização dos diversos setores produtivos.

Além desses, o programa estabelece uma nova utilização de fundos sociais e constitucionais de responsabilidade do setor público já existentes, como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e os fundos constitucionais do Centro-Oeste, Nordeste e Norte.

Esses recursos, somados aos das entidades de fomento e dos bancos oficiais federais, podem alcançar cerca de US\$ 25 bilhões para colocar em prática as ações do programa. No entanto, Jorge Mattoso destaca que a tarefa de gerar empregos será em grande medida do setor privado, que deverá aproveitar os espaços e incentivos gerados pelo governo.

líticas institucionais, em que o próprio papel do Ministério do Trabalho será revisto.

A primeira deverá atacar o grande contingente de excluídos, sem inserção no mercado de trabalho. Para eles, será necessária uma campanha de reciclagem profissional, seguro-desemprego e intermediação de emprego, buscando a absorção dessa parcela de trabalhadores.

A segunda será centrada na força de trabalho informal, geralmente de baixa qualidade e sem capacidade de

gerar renda para sua auto-sustentação. E a terceira está relacionada ao processo de reestruturação produtiva, que gerou queda do emprego, deslocamento dos postos de trabalho e alta rotatividade.

A política de geração de empregos deverá ter como prioridade os setores de infra-estrutura econômica, assegurando mutirões remunerados, que segundo Mattoso representam um novo passo nas frentes de trabalho, atacando diretamente as carências dos assalariados.

Deverá também estar voltada para a criação de empregos para trabalhadores não-qualificados, para aqueles advindos da reforma agrária e agrícola e substancialmente nos setores que mais empregam no país: habitação, construção civil, turismo e transportes.

Ministério do Trabalho

Na área do Ministério do Trabalho, Mattoso diz que "será impulsionado o Contrato Coletivo de Trabalho e logo de início a proposta é de implementar modificações constitucionais para viabilizar esse conjunto de ações". O Ministério seria o responsável pela coordenação do programa, cuidando da melhoria da qualidade dos empregos existentes, por meio de uma reestruturação administrativa, transformando-se em um verdadeiro Ministério do Emprego. A meta é democratizar as relações de trabalho no Brasil e desenvolver um sistema de informações sobre o mercado de trabalho, que contenha dados confiáveis para a definição de políticas públicas, e além disso, promover um vínculo mais estreito com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), tendo como meta a realização de uma Conferência Internacional do Trabalho.

BRASIL AGORA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

LEIA, ASSINE, ANUNCIE

ALAMEDA GLETE, 1049 - FONE 225.0615
CEP 01215-001 - SÃO PAULO - SP

PARECE

REAL

MAS

É PESADELO



VIAGENS FORTALECEM CAMPANHA

Lula encontra-se com Mandela e com o presidente do SPD alemão

PAULA DIP



Lula mostra cartaz de Mandela. Ao lado, material da campanha Lula 94 no exterior (EUA e Portugal)

FRIENDS OF LULA USA
341 LAFAYETTE ST. #25
NEW YORK, NY 10012

LULA
PRESIDENTE

PARA GANHAR NO PRIMEIRO TURNO, FALTA VOCÊ NA CAMPANHA

NÚCLEO DO PT LISBOA

Diário 27 de Junho de 1994

CURTINHAS

A presença de Lula Fidei...
...no exterior, a que...
...O PT Brasileiro...
...em Portugal, pouco...
...em Portugal, pouco...
...em Portugal, pouco...

O BRASIL PERDEU

O processo de...
...em Portugal, pouco...
...em Portugal, pouco...
...em Portugal, pouco...

O candidato da Frente Brasil Popular à Presidência, Lula, interrompeu entre 20 e 24 de junho a maratona de viagens no país para cumprir dois compromissos no exterior. Encontrou-se em Pretória, capital da África do Sul, com o presidente recém-empossado daquele país, Nelson Mandela - herói da resistência negra ao governo de minoria branca que vigorou por séculos. Rumou em seguida para a Alemanha, onde visitou o presidente do Partido Social-Democrata (SPD), Rudolf Sharping. No encontro trataram da questão da dívida externa.

A visita a Mandela foi repleta de simbolismos. "Na África do Sul havia o apartheid racial, e aqui temos o social. Se Mandela representava a maioria do povo negro, eu tento representar uma maioria marginalizada, que são os excluídos da sociedade brasileira", disse Lula ao embarcar. Já em Pretória, ouviu de Mandela o relato das propostas do Congresso Nacional Africano - principal partido da maioria negra - para acabar com a discriminação e combater a miséria.

Encontrou-se também com dirigentes da central sindical do país, e assistiu à instalação dos trabalhos da Assembléia Constituinte.

Vitória em São Paulo

Caravana percorre interior, firma liderança de Lula e mostra que chances de José Dirceu são reais

Uma caravana liderada pelos candidatos da Frente Brasil Popular à Presidência e ao governo de São Paulo, Lula e Zé Dirceu, percorreu entre 13 e 16 de junho catorze cidades das regiões norte e noroeste de São Paulo. A ampla mobilização da militância e a acolhida calorosa que os candidatos encontraram em municípios onde a votação média foi de apenas 7% no primeiro turno de 1989 voltaram a revelar a possibilidade de firmar em definitivo a dianteira de Lula no Estado e reverter a liderança de Mário Covas na disputa pelo Palácio dos Bandeirantes.



FOUHA IMAGEM

Comícios e atos

Em Ilha Solteira, Barretos, Sante Fé do Sul e Presidente Prudente houve comícios que reuniram em média 2 mil pessoas. Em outras cidades houve atos públicos e debates em Câmaras Municipais, ginásios de esportes, teatros e auditórios. A caravana alcançou ampla repercussão ainda entre políticos ligados a partidos conservadores mas que consideram a hipótese de apoiar Lula. Em Ilha Solteira, o prefeito do PL chegou a conceder ao candidato o título de comendador da cidade - o primeiro em toda a história do município. Em Dracena, cinco prefeitos da Nova Alta Paulista reuniram-se com o líder da Frente Brasil Popular. Em Barretos, Jales e Bebedouro os prefeitos também o receberam em audiência. Os contatos incessantes com a população e o debate do Programa de Governo foram novamente o destaque. Em Bebedouro e Catanduva, onde a economia apóia-se no cultivo de laranjas, Lula frisou a importância de um governo disposto a enfrentar ameaças como as sobretaxas que os Estados Unidos ameaçam sempre impor sobre o suco importado do Brasil. Em Ilha Solteira (onde o fim da construção da hidrelétrica liquidou as perspectivas de crescimento) e em Andradina e Dracena (onde as roças

Nos Pampas

Lula ainda encontrou tempo para visitar o Estado do Rio Grande do Sul em junho. Na foto, Tarso Genro,

prefeito de Porto Alegre, José Paulo Bisol, Lula e Olívio Dutra durante comício na capital gaúcha.

familiares estão sendo substituídas por pastos, com aumento dramático dos índices de desemprego), o candidato destacou as propostas do programa "Mais e melhores empregos".

Programa de mudanças

A reforma agrária foi o tema central do encontro com os sem-terra acampados em Teodoro Sampaio, e em Jales, Fernandópolis e Andradina, região em que predominam as pequenas propriedades, as conversas giraram sobre uma política agrícola que estimule a produção de alimentos, e ofereça crédito e preços mínimos adequados.

O presidente do PT, Rui Falcão, que acompanhou quase todas as atividades da caravana, destacou o conhecimento demonstrado pelo candidato a governador José Dirceu sobre os problemas do Estado.

Ao longo de toda a caravana por São Paulo, Dirceu debateu em profundidade, em todo tipo de auditório, os problemas de cada região em que passava. Chamou atenção a firmeza e coragem com que combateu, em mais de

um encontro, propostas incompatíveis com um programa de mudanças lançadas por setores das elites.

Um dos casos mais destacados ocorreu durante reunião com plantadores de cana de Catanduva, que insistiram em pedir "incentivos" estatais a sua atividade. "Não vou adotar nenhuma medida que prejudique o setor. Mas é preciso ficar claro que meu governo vai romper com a política que transformou as terras de São Paulo num mar de cana, laranja e capim", respondeu Zé Dirceu, que ainda fez questão de denunciar as péssimas condições de trabalho impostas aos trabalhadores do setor.

Num outro encontro, produtores rurais questionaram a política de reforma agrária defendida por Lula e Dirceu. A resposta veio de novo na lata: "Vocês sentem muito medo quando duzentas ou quinhentas famílias de miseráveis ocupam terras ociosas perto de suas fazendas. Mas ninguém se lembra que os grandes fazendeiros estão invadindo enormes faixas de terras devolutas (pertencentes ao Estado) no Pontal do Paranapanema", fustigou o candidato.

Os comitês no exterior

Nos últimos meses, comitês pró-Lula espalharam-se fora do país. Reúnem brasileiros que residem no exterior e estrangeiros sensíveis às lutas dos povos do Terceiro Mundo. São vistos pela Frente Brasil Popular como essenciais para garantir solidariedade internacional ao futuro governo Lula e fazer frente às pressões que serão desencadeadas pelas elites no Brasil e no exterior.

Na Europa já estão formados e funcionando os comitês da Bélgica, França, Itália, Alemanha, Holanda e Portugal. Os comitês da Austrália e Estados Unidos têm tido um desempenho muito importante. Na América Latina, existem na Argentina e Paraguai, onde cerca de 400 pessoas, entre paraguaios, brasileiros e "brasiguaios", fazem uma forte campanha de apoio à candidatura de Lula.



"Ninguém pode ser feliz sozinho"

Por isso a Treze trabalha cada vez mais para que todos sejam felizes.

Escreva ou telefone e faça seu pedido por apenas R\$ 31,13:

- ★ 10 Broches fotográficos
- ★ 05 Camisetas Lula Brasil
- ★ 02 Camisetas infantis
- ★ 10 Estrelas PT (plástica)
- ★ 20 Adesivos

ENVIAR CHEQUE NOMINAL À
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DOS TRABALHADORES.
R. PEDRO TAQUES, 70 - CONSOLAÇÃO - SÃO PAULO - SP
CEP 01415-010 - FONE: 37.6651 / 259.3432

JÁ ESTAMOS COM O BLOCO NA RUA

O comício de São Paulo reuniu mais de 50 mil pessoas no Vale do Anhangabaú

Os principais trechos do discurso de Lula, no comício do dia 12, dão as linhas gerais da campanha. Orientação aos militantes, respostas aos ataques dos adversários, propostas e, principalmente, dados importantes para os debates eleitorais

O orgulho do passado

- Um adversário nosso disse aos empresários, ao assumir um ministério no governo Itamar, que deveriam esquecer o que ele tinha escrito e o que tinha dito no passado, pois no governo tudo é diferente.

- Eu digo para todo o mundo: "Não esqueçam o que eu fui no passado, não esqueçam o que eu fiz no passado". Pois se não fosse esse passado eu não estaria aqui junto com vocês. Nós temos orgulho de nosso passado.

- É por isso que a gente olha para esse moço, o Zé Dirceu, que perdeu parte de sua juventude na luta pela Democracia, contra a Ditadura Militar, e sabe que ele nunca vai pedir para que esqueçam esse passado dele. Ele tem orgulho do seu passado, tem orgulho de tudo o que fez, pois nesse tempo as pessoas faziam o que era possível fazer pela Democracia.

Os adversários

- Como o FHC diz que vai acabar com o desemprego, se ele é um dos responsáveis por essa multidão de desempregados que tem neste país? Ele esteve lá no ministério e não resolveu nada.

- O FHC tirou 5 bilhões de dólares da Saúde para pôr no fundo social. O Britto, quando era Ministro da Previdência, deixou de pagar 3 milhões de dólares da Saúde.

- O Espiridiano Amin deveria entrar com uma representação na justiça contra ele mesmo, pois foi flagrado colando cartazes com carro da Força Sindical.

- É verdade, seu Quércia, que eu nunca dirigi um carrinho de pipocas, mas também nunca roubei as pipocas de nenhum carrinho.

Política econômica e salarial

- Se a inflação abaixar (e nós todos queremos que ela abaixe), mas não houver uma política de geração de empregos e uma política de distribuição de renda, que melhore o poder aquisitivo da população, não vai adiantar nada.

- Esse plano só vai congelar a miséria! Quem está bem, fica bem. Quem está mal, vai ficar mal!

Modernidade

- Fortaleza cresce 8% ao ano e está cheia de carro importado. Nas ruas também está cheio de meninas de 12, 13 anos se prostituindo em troca de um prato de comida. Não é essa modernidade que queremos!

- Falar em modernidade ao mesmo tempo em que se junta com ACM, Marco Maciel, Jorge Borhansen, ... Onde está a modernidade nisso?



Os candidatos da Frente

O primeiro grande comício da campanha de 94, em São Paulo, dia 12 de junho, foi um bom começo. Nenhuma campanha (nem Diretas-Já, nem campanha presidencial de 89) reuniu tanta gente logo na primeira mobilização. Mais de 50 mil pessoas, na maioria militantes da Frente Brasil Popular,

lotaram o Vale do Anhangabaú com bandeiras, faixas e muito entusiasmo. Mas também estava o povão que começa a se mobilizar em torno das propostas de um Brasil sem corrupção. No palanque estava boa parte das lideranças estaduais e da campanha nacional.

Governabilidade

- Não basta eleger o Lula presidente! Vocês sabem por que aconteceu o golpe militar de 64? Porque Magalhães Pinto era governador em Minas Gerais, Adhemar de Barros era governador de São Paulo e Carlos Lacerda era governador do Rio e tramaram o golpe de estado contra o presidente da República eleito pelo povo.

- Por isso é que eleger o Zé Dirceu aqui em São Paulo é tão importante quanto eleger o Lula presidente. Porque São Paulo, por si só, é essa máquina que vai tocar essa locomotiva que é o Brasil. Mas também não basta eleger só o Zé aqui. É preciso eleger o maior número de governadores possível, para garantir uma política melhor para o país.

- É importante também eleger essa baixinha aqui (Luiza Erundina) e esse grandão aqui (João Hermann) para o Senado. Se o Suplicy e o Bisol fizeram aquele trabalho extraordinário todo, imagine se nós tivéssemos quarenta senadores em vez de só dois?

- É importante também eleger deputados de todos os partidos da frente. Se, em vez de 300 picaretas, tivéssemos 300 deputados nossos lá a história do Congresso e do país seria outra.

Pesquisas

- Pesquisa não vale muita coisa. Nem quando a gente está em primeiro lugar, nem quando a gente está em último.

- Qual o candidato, que tem essa militância extraordinária, não é capaz de mudar qualquer pesquisa?

Comitês populares

- Não se deve fazer um comitê numa vila de 30 mil pessoas. Tem que fazer trinta ou quarenta comitês!

- Os comitês são nossa capacidade de trabalho e nossa honradez contra o tipo de política que eles fazem no Brasil.

Estamos mais maduros

- Eu tenho a consciência de que o Lula está muito mais maduro e preparado do que em 89. E tenho a certeza de que o povo brasileiro todo está muito mais calejado e preparado do que em 89 também.

Empregos

- Estamos falando que vamos gerar 8 milhões de empregos e vamos cumprir. Se colocamos o número de empregos é por que queremos ser cobrados mais tarde.

- Nós temos condições de resolver o problema de desemprego. Vamos gerar empregos. Vamos recuperar o poder aquisitivo do trabalhador, como os professores, que são uma categoria massacrada por todos os governos que já passaram.

Agricultura

- Vamos garantir que o dinheiro do Banco do Brasil seja emprestado ao pequeno e médio produtor rural, assentamentos, cooperativas e agro-vilas.

- Os Sem-Terra não são violentos! Violento é quem não faz a Reforma Agrária! Violento é quem não tem política agrícola para ajudar o pequeno e o médio agricultor

Presidente não governa sozinho

O país atravessa hoje a sua crise mais profunda de todos os tempos. A possibilidade de chegarmos ao governo central do país é concreta. Mas não podemos nos dar ao luxo de confiar em pesquisas ou acreditarmos que a simples eleição de Lula presidente basta para conseguirmos os meios de realizar as Reformas da estrutura do país.

As Reformas Agrária, Administrativa, Urbana, da Saúde e da Educação precisam de todo o apoio político possível. Para impedir essas reformas foi dado o Golpe Militar de 64. Os governadores foram fundamentais na conspiração e execução do golpe. O parlamento dominado pela direita golpista deu apoio e legitimidade ao assalto ao governo eleito pelo povo.

Os partidos da Frente Brasil Popular precisam eleger o maior número de governos estaduais, de senadores e de deputados para dar respaldo político ao presidente Lula. As organizações populares cumprem sua parte, mas precisam da legitimidade da representação formal do governo.

"Não adianta reclamar que os 300 picaretas não foram cassados. Nós temos é que eleger os nossos deputados para mudar o Congresso Nacional", disse Lula no comício do Vale do Anhangabaú.

Ou seja: temos que trabalhar até o último voto ser contado e todos os nossos eleitos serem empossados. O resto a gente garante na luta do dia-a-dia.

Saúde

- Vamos resolver o problema da saúde no país. Nós temos que parar com essa brincadeira de dizer que a saúde vai bem, mas é o povo que fica muito doente. Nosso povo está doente, sim, porque não tem o direito de comer todos os dias.

Competência

- Dizem que o Lula não tem diploma e não tem experiência. E qual é a experiência deles? É a experiência de deixar as pessoas sem comer, sem trabalho. Deixam as crianças sem escolas, sem saúde e se prostituindo pelas ruas. Se eles tivessem uma escola para ensinar a governar, eu não deixaria o meu filho estudar lá. Pois, no mínimo, ele aprenderia a roubar.

- Não falta dinheiro para governar. Falta vergonha na cara de quem governa.

Carro de som

- Carro de som é extensão do auditório do sindicato. Se não cabe mais de 1500 operários lá dentro, o sindicato tem que usar o carro de som.

- Deus é tão grande que a imprensa que fez o estardalhaço por causa do carro de som que usamos, teve que mostrar o pessoal do Espiridiano Amim colando cartaz com carro da Força Sindical.

Três pedidos

- No início desta campanha eu pedi três coisas a Deus:

1- Que me dê a serenidade do Mandela, para atravessar esses 4 anos de governo;

2- Que me dê a ousadia do Gandhi, que derrubou o Império Inglês;

3- Que me dê a ternura de uma menina de rua à espera da cidadania.

Sem terras e sem armas, com Lula

De repente a convulsão social pareceu bater à porta. O Movimento dos Sem-Terra (MST) havia tomado a iniciativa de contrabandear armas do Paraguai, e as estava estocando em áreas de assentamento de camponeses; montara, além disso, pelo menos dois centros de treinamento de guerrilha, em Pernambuco e Tocantins; contava com assessoria de equipes de nicaraguenses, russos e alemães; e demonstrava nítida inclinação para promover ocupações de terra nos períodos pré-eleitorais - sempre para favorecer as candidaturas da esquerda.

A partir do início de junho, o *Jornal Nacional* da Rede Globo, e logo em seguida a revista *Veja*, a *Folha* e o *Estado de S. Paulo* passaram a divulgar coordenadamente um conjunto de dossiês da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), a serviço do Palácio do Planalto. Oriundos do órgão que assumiu as funções do extinto Serviço Nacional de Informações, os documentos foram no entanto apresentados aos leitores como fidedignos.

No alvo, a Frente

"Os objetivos eram evidentes", avalia João Pedro Stédile, coordenador nacional do MST. Para ele, os jornais conservadores queriam desgastar o amplo apoio que a campanha pela reforma agrária conquistou nos últimos anos entre a população; estigmatizar a luta dos sem-terra, dando a ela caráter de ilegalidade e violência; e atingir a campanha de Lula à Presidência da República.

João Pedro prossegue. As amplas mobilizações que o MST, e sete entidades representativas de camponeses e índios promoveram conjuntamente entre 9 e 13 de maio, no âmbito do "Grito Terra", apavoraram os grandes proprietários de terras. Pressionado por tal setor, o presidente Itamar Franco determinou ao ministro Mário César Flores, titular da

SAE, que produzisse um dossiê a respeito. Sem dados atualizados e confiáveis, a SAE apelou para os documentos grosseiros que o SNI tinha em seu arquivo sobre a luta pela reforma agrária. Embora se destinassem apenas ao próprio Itamar, os papéis "vazaram" para a imprensa, provavelmente por iniciativa do ministro da Casa Civil, Henrique Hargreaves. Interessados em difundir qualquer tipo de "denúncia" contra Lula, os jornais publicaram as "informações" sem sequer verificar sua autenticidade.

Julho agitado

O coordenador do MST esclarece: as hipóteses sobre contrabando de armas e treinamento de guerrilha não passam de paranóia. E acrescenta que o número atual de acampados - 16 mil - é semelhante ao dos últimos anos, quando não havia eleições no horizonte político. É descabido, portanto, falar em manipulação eleitoral. "O problema", diz ele, "é que somente agora, quando a esquerda se aproxima do poder, a direita parece ter descoberto nosso movimento".

João Pedro, no entanto, alerta aos desavisados: "A campanha do SNI e dos jornais não nos mete medo nem nos fará recuar nas grandes mobilizações de massa que estamos preparando para os próximos meses".

O líder dos sem-terra antecipa: como nos últimos anos, julho deverá registrar um grande número de lutas pela terra. Atos e ocupações importantes ocorrem tradicionalmente no fim do mês, em virtude da comemoração do Dia do Trabalhador Rural, 25 de agosto. A elas deverá somar-se este ano a pressão dos pequenos agricultores por uma política agrícola democrática. "Com o fim do inverno começa o trabalho da safra, e ninguém está disposto a cultivar em vão", avisa Stédile.



Manifestação do MST no Rio Grande do Sul

Pernambuco repudia armação do governo

Em 9 de junho, poucos dias após a divulgação do relatório da SAE - que aponta a Fazenda dos Trabalhadores, em Pernambuco, como um centro de treinamento de guerrilha -, os camponeses convidaram parlamentares e a imprensa para uma visita às terras comunitárias.

Três deputados estaduais, Romeu da Fonte (PSB), Byron Sarinho (PPS) e Elias Gomes (PMDB), compareceram e comprovaram pessoalmente a falsidade das insinuações. Comprometeram-se perante o presidente da associação dos camponeses, José Luís Sobrinho, a apresentar relatório à Assembléia Legislativa e a cobrar explicações do ministro de Assuntos Estratégicos, Mário César Flores.

A Fazenda começou a ser criada em setembro de 1989, quando oitocentas famílias ocuparam 4 mil hectares de terras ociosas do governo do Estado, no município de Ipojuca, a 35 quilômetros do Recife.

Os ocupantes plantaram milhares de pés de banana, maracujá, coco, acerola e mamão; mudas de graviola, pitanga e cajá; macaxeira, inhame, mandioca, milho e feijão. Mais tarde, passaram também à pecuária leiteira.

Apoiada pelos governos de Mi-

guel Arraes e Carlos Wilson - que cedeu as terras aos agricultores, até o ano 2005, e instalou energia elétrica -, a ocupação foi transformada em Fazenda dos Trabalhadores, em 8/3/91. Lula participou da instalação da propriedade.

Ao assumir o governo do Estado, Joaquim Francisco (FL) mandou a PM cercar a área para invadi-la militarmente. Um amplo movimento de solidariedade conquistou o apoio de todas as forças democráticas do Estado. O governador foi obrigado a recuar.

Todo o sistema de produção da Fazenda baseia-se em projetos que prevêm a proteção das matas e mananciais da região. Três escolas - Chico Mendes, Gregório Bezerra e Mário Alves - estão em pleno funcionamento, dirigidas por professores da comunidade. As barracas que marcavam a paisagem no momento da ocupação foram todas substituídas por casas de taipa, madeira e alvenaria.

De acordo com Bruno Maranhão, da direção nacional do PT, que acompanha a luta desde o início, a divulgação do relatório da SAE é "mais uma tentativa malsucedida dos conservadores para estabelecer previamente limites à ação do governo Lula".

De fato

Nº 4

A revista da CUT

RESERVE JÁ OS EXEMPLARES PARA O SEU SINDICATO

SETOR DE PUBLICAÇÕES/CUT

Rua São Bento, 405 - 7º andar - CEP 01008-906 - São Paulo

Fone 255.7500, Fax 011.239.5274

Que venha o real!

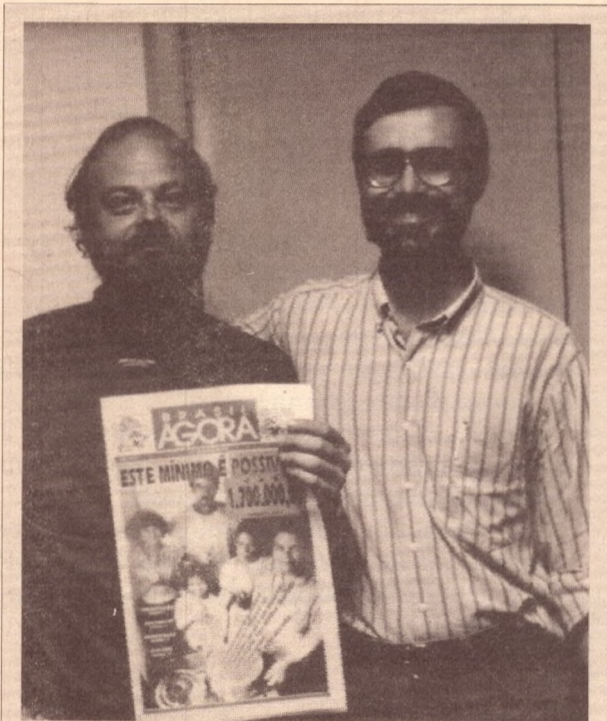
“O Plano não assusta, nossa campanha penetrou no imaginário popular”

“Folha” deixa de distorcer sua pesquisa

Após seguidas pressões do comitê de campanha do candidato da Frente Brasil Popular a governador de São Paulo, Zé Dirceu, a Empresa Jornalística Folha da Manhã, proprietária do Instituto Datafolha, anunciou finalmente que deixará de distorcer as pesquisas de intenção de voto para os governos daquele e de outros Estados.

Há várias semanas, o comitê da FBP havia alertado à “Folha” que os cartões que o instituto apresentava aos eleitores, para simular a eleição, tendiam a alterar o resultado da sondagem. Eles omitiam o nome do partido ao qual pertence cada candidato - ao contrário da cédula eleitoral, onde consta a informação. Como o PT é reconhecidamente o partido que conta com maior apoio entre a população, omitir a sigla reduzia artificialmente o apoio real de que desfrutavam Zé Dirceu e sua legenda.

Várias advertências ao jornal não haviam sido, até 30 de junho, suficientes para corrigir a distorção evidente. Foi necessário entrar com representação junto ao corregedor regional eleitoral do Estado para que a “Folha” abandonasse o erro.



Augusto de Franco e João Machado, da Executiva Nacional do PT

Faça como os dirigentes do PT

Assine - Leia - Divulgue

BRASIL
AGORA

Entrevista

com
Rui Falcão, presidente do
Partido dos Trabalhadores

por
Antonio Martins

Rui Falcão não parece acreditar que o Plano Real seja capaz de provocar uma reviravolta eleitoral. Ele explica porque considera a candidatura Lula consolidada, e afirma que suas principais preocupações são com o desastre que o “programa de estabilização” poderá representar para a economia do país.

Brasil Agora: O Plano Real preocupa a coordenação da campanha Lula?

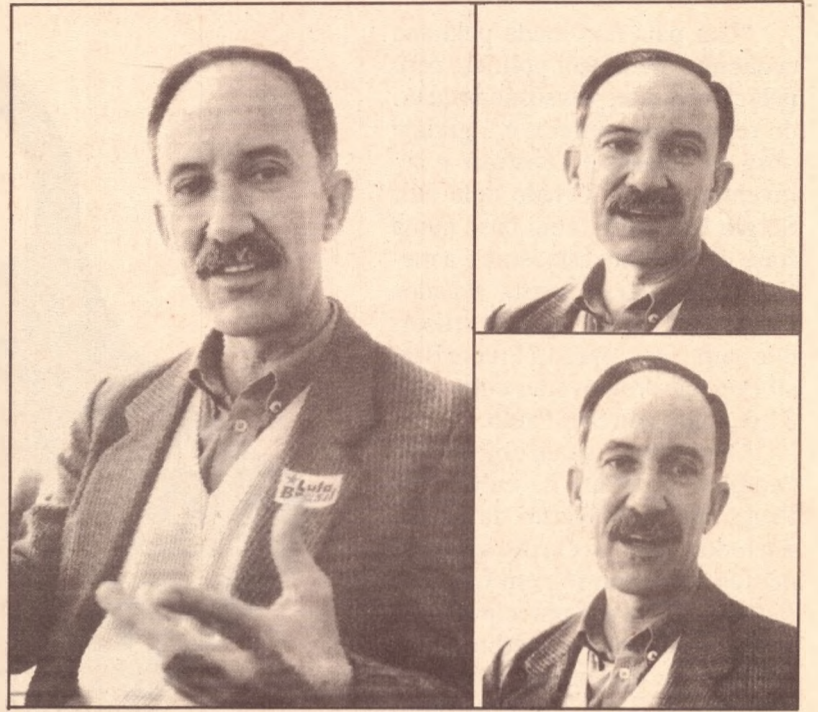
Rui Falcão: Tenho dito que nossa preocupação é com a irresponsabilidade e a incompetência de um governo aventureiro, que tenta desesperadamente alavancar seu candidato, mesmo à custa de impor grandes sacrifícios aos trabalhadores, como se percebe pelo violento aumento de preços da cesta básica enquanto os salários permanecem congelados. Também espantam o desprezo e a arrogância com que se trata o salário mínimo, reduzido agora a uma gorjeta concedida às vésperas da eleição.

“Há riscos de desindustrialização e desemprego”

Tenho apontado as consequências que esse plano provocará sobre a economia. Há riscos graves de desindustrialização e aumento do desemprego, com desequilíbrios indesejáveis nas balanças comercial e de pagamentos.

É isso que nos leva a criticar o plano. Ao contrário do que a imprensa diz, não há temor frente às pesquisas de intenção de voto. Embora o Real seja um plano claramente eleitoreiro, nossa preocupação é com o presente e o futuro do país.

Estamos seguros de que a consistência da adesão a Lula não se deve a circunstâncias conjunturais, e sim ao fato de o candidato e do PT, com sua trajetória, suas propostas de governo e as Caravanas da Cidadania, terem penetrado no imaginário popular. Representa a esperança, o desejo de mudanças, a possibilidade de salvação do país e para muitos a revanche em relação a Collor. Não vai ser um estelionato qualquer, igual a tantos outros perpetrados contra o povo, que irá reverter a intenção do voto.



Deputado Estadual (SP) Rui Falcão, presidente do PT

BA: A Frente Brasil Popular apresentará propostas alternativas?

RF: Enquanto o governo vem com um plano que tenta “combater” a inflação, enxergando-a como fenômeno isolado, temos apresentado à sociedade brasileira projetos para o país. Vemos o combate aos preços como uma das medidas capazes de estabilizar a economia, desde que esteja associado à retomada do desenvolvimento e à distribuição de renda.

“Estabilização, só com reformas sociais muito profundas”

Só acreditamos na possibilidade de estabilização com profundas reformas estruturais no país, com ênfase para a reforma agrária, valorização do salário mínimo, geração de empregos, mudança no tratamento das dívidas externa e interna e profunda reestruturação do Estado, para permitir a mais ampla participação popular.

BA: Como o PT pretende tratar temas polêmicos, como o “aumento” do salário mínimo e o controle dos oligopólios?

RF: O deputado Paulo Paim (PT-RS) acaba de apresentar uma proposta de emergência, para elevar o mínimo ao equivalente a 100 dólares. Nosso programa de governo fala em 115 dólares, em curtíssimo prazo. Paim retoma uma bandeira da esquerda, e cobra do presidente Itamar que cumpra a promessa que fez logo após assumir o governo, que foi confirmada pelo ex-ministro Barelli e cujo cumprimento Fernando Henrique Cardoso fez questão de desautorizar.

“Contra os oligopólios o governo só adota medidas de propaganda”

Quanto aos oligopólios, o governo tem há muito tempo instrumentos para agir contra eles. Há por exemplo a Lei Delegada nº 4, bastante eficiente. Nada disso tem levado a qualquer ação efetiva, nem impedido os oligopólios de reajustar preços com ampla liberdade e trabalhar com margens altíssimas de lucros. Como se não bastasse, a equipe econômica nada faz para rebaixar as taxas de juros, que provocam dois problemas gravíssimos: impedem a estabilização dos preços, por elevarem os custos das pequenas e médias empresas, e elevam incessantemente as despesas do Tesouro com pagamento de juros. Depois de meses de paralisia, de conivência com os oligopólios, o governo lança agora medidas de efeito puramente propagandístico. Terão curta duração, e nenhuma eficácia.

BA: Quais os rumos da campanha após o Real?

RF: Vamos levar adiante a política de apresentar projetos à sociedade. Ainda no começo julho, lançaremos os programas de incentivo à pequena e média empresa, e o de “Nenhuma criança fora da escola”. No fim do mês sai às ruas a proposta para reforma agrária e política agrícola, voltada para a produção de alimentos. Logo em seguida, é a vez do programa de barateamento e segurança alimentar. Também vão em frente as Caravanas e os contatos de Lula com o povo, em todos os Estados.

Vêm aí os Estados Gerais da Cultura

Artistas e produtores culturais querem resgatar a utopia e dissipar as sombras que aprisionam o país.

“Um país não muda pela sua economia, nem pela política, nem pela ciência. Um país só muda quando resgata sua cultura; e a grande obra da cultura é construir e reinventar gente.” Criado pelo ator Sérgio Mamberti, com base numa frase de Betinho, este lema é a melhor síntese do encontro “Estados Gerais da Cultura”, que os artistas que emprestam apoio à Frente Brasil Popular promoverão entre 29 e 31 de julho, em São Paulo.

Convocado com o objetivo de “ampliar o debate de cultura do Programa de Governo da Frente em todo o país”, o evento será precedido de encontros em todos os Estados, abertos à participação de todos os que se considerem “vinculados ao campo da cultura” e “identificados com a proposta política da Frente Brasil Popular.”

Cada encontro estadual escolherá representantes para o encontro nacional “Estados Gerais da Cultura”. A delegação de cada Estado será composta de um representante para cada dez participantes do encontro estadual.

Encontros estaduais

Os encontros estaduais, que deverão ocorrer até 24 de julho, serão precedidos por palestras e debates sobre temas como “Democratização dos meios de comunicação”, “Políticas de valorização do produto cultural brasileiro”, “Gestão democrática da cultura” e “Direitos nacionais”.

A preparação incluirá também reuniões setoriais, em que se encontrarão os apoiadores da Frente Brasil Popular que atuam em áreas como artes cênicas, artes gráficas, artes plásticas, bibliotecas, cinema e vídeo, fotografia, literatura, música, patrimônio arquitetônico, museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação, editoria e livraria e patrimônio arquitetônico.

Resgatar a utopia

O objetivo essencial, sugere Sérgio Mamberti, é resgatar o “compromisso com a utopia. Não como imagem mítica da abundância dos ‘países da Cocanha’, onde os camponeses esfomeados na Idade Média sonhavam um dia saciar-se, mas como tradução de uma esperança, como signo de uma mudança possível e concretizável”.

Mamberti conclui dizendo: “Subversiva por natureza, libertária e emancipadora, a utopia, nas luzes da transgressão, nos mostra o melhor caminho para dissipar o mundo das sombras que ainda aprisionam a cultura em nosso país”.

Os interessados em obter maiores informações sobre os “Estados Gerais da Cultura” devem entrar em contato com Luque, pelo telefone (011) 861.3155/862.0786, ou pelo fax 826.1570.



Sapo Barbudo

Criação de Gilberto Maringoni, o Sapo Barbudo foi adotado pelo Comitê de Cultura da FBP como símbolo de sua participação na campanha. Foi usado

pela primeira vez no convite da festa desse comitê no dia 1º de julho, em São Paulo. A idéia é lançar uma revista em quadrinhos com o novo personagem

Cartilha para os comitês

Campanha eleitoral é, antes de mais nada, uma atividade coletiva. Ninguém faz nada sozinho. Para orientar a organização de pessoas dispostas a apoiar o candidato Luís Inácio Lula da Silva, o Comitê Nacional Lula Presidente lançou uma cartilha explicando como é que se faz um comitê da Frente Brasil Popular.

“Não há nenhuma exigência de formas de funcionamento para o comitê”, diz a cartilha. “O importante é que as companheiras e companheiros tenham um espaço de conversa, informação e de acesso ao material e programa de campanha. As primeiras reuniões, em geral, têm pouca gente, o que não é motivo para desânimo, pois o número de participantes vai aumentando durante a campanha.”

Mas só discussão não basta. Para a campanha de Lula ganhar força, é preciso trabalhar em questões práticas, como onde abrir a sede do comitê, onde concentrar a ação de convencimento dos eleitores e que tipo de material usar, etc. “Quanto mais idéias e sugestões práticas forem apresentadas pelos participantes, mais ativo será o comitê”, recomenda o documento.

Um lugar. A sede

A sede do comitê se transforma num ponto de referência: é ali que os participantes se reúnem, guardam os materiais. Como é muito difícil alugar um imóvel, a solução é encontrar alguém que disponha de um



espaço vazio - uma garagem, uma sala, um quarto. Na entrada do local, bem visível, uma placa “Comitê Popular Pró-Lula”.

Resolvido o problema de espaço, precisa-se definir as tarefas e responsabilidades de cada companheiro. E partir para a realização da assembleia de fundação do Comitê, que consolida todo o trabalho de organização e permite a eleição dos responsáveis pelos diversos grupos de trabalho, como os de finanças, propaganda e outros, dependendo das necessidades.

“A militância é o nosso maior tesouro. É a força que temos para enfrentar e superar a máquina e o dinheiro dos candidatos da burguesia”, frisa a cartilha. “O entusiasmo e a vontade de trabalhar melhor sempre geram discussões e polêmicas. A discussão é saudável e produz as melhores saídas.”

Assim, deve ser total a sintonia entre militantes dos diferentes partidos da Frente Brasil Popular e participantes sem filiação partidária, pois o objetivo de todos é contribuir para a vitória de Lula.

Apoio dos evangélicos

Mais de seiscentos evangélicos estiveram reunidos com Lula, em Duque de Caxias (RJ), no dia 29 de junho. No encontro, organizado pela candidata ao Senado Benedita da Silva, evangélica da Assembléia de Deus, o candidato à Presidência da Frente Brasil Popular desmentiu mais uma vez os boatos espalhados pelos poderosos de que, se eleito, fecharia as igrejas.

Suas palavras foram muito aplaudidas pelos evangélicos, que puderam fazer uma comparação entre a sinceridade de Lula e a campanha de mentiras liderada pelo pastor Ronaldo Didini, da Igreja Universal. Bastou avaliar a vida política de Lula diante das falcatruas cometidas pelo “bispo” Edir Macedo.

Os evangélicos fazem parte do Fórum dos Comitês Religiosos Pró-Lula Presidente, organizado em março como um dos comitês setoriais que integram a Frente Brasil Popular pela Cidadania. Com a finalidade de mobilizar fiéis de todas as manifestações religiosas existentes no país, os Comitês Religiosos são compostos de pessoas de mesmas Igrejas ou crenças, e também por grupos ecumênicos.

Raízes cristãs

No seu primeiro boletim informativo, o Fórum lembra as raízes culturais cristãs do candidato: “As atitudes de Lula e seu Programa de Governo correspondem aos valores e às aspirações do pensamento social cristão: os valores do Reino de Deus, como Justiça, Liberdade e Paz”.

O documento ressalta que, no Brasil, “a pobreza de muitos é o resultado da riqueza de uns poucos”. E prossegue: “Esses poderosos não querem o Brasil da Justiça, com as crianças fora da rua, frequentando escolas, e maiores oportunidades de empregos para todos.”

Os Comitês Religiosos sugerem aos fiéis que reúnam pessoas de suas esferas religiosas para debater, entre outros temas, como ajudar a esclarecer sobre a importância da política segundo as respectivas crenças. Também está sendo organizado um Dia de Oração pelo Brasil - Lula Presidente, no dia 7 de setembro.

Os participantes do Fórum rebatem acusações de que os Comitês misturam religião e política, lembrando que “todos aqueles que seguem os ensinamentos dos Profetas Bíblicos inspiram-se em pessoas que sempre foram perseguidas por causa de seu compromisso com a Justiça”. Além disso, os Comitês são formados por pessoas dispostas a participar a partir de sua fé e como cidadãos, sem representar suas instituições religiosas.

O Fórum dos Comitês Religiosos pode ser contactado na Av. Angélica, 35 - São Paulo - SP (CEP: 01227-000), ou pelo telefone 861-3155, ramais 232 e 233.



Deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), candidata a senadora

Sindicatos debatem o Brasil

A educação dá o exemplo: é possível combinar ação sindical com luta política



O Encontro de Comunicação em São Paulo, no dia 28 de junho

Encontro de Comunicação

A hora dos governadores

É preciso ter luz própria, porque os eleitores não votarão em "sombras" de Lula

De que forma conciliar a campanha de um candidato à Presidência que lidera todas as pesquisas de intenções de voto com as de candidatos a governador do mesmo bloco de forças, que no entanto não estão na dianteira, na grande maioria dos Estados?

Foi esse o tema central do II Encontro Nacional de Comunicação do PT, realizado dias 27 e 28 de junho, com a presença de representantes de sete Estados, e do PCdoB e PSB. O encontro concluiu, segundo Markus Sokol, da Coordenação da campanha, que a idéia mais óbvia, segundo a qual basta atrelar a campanha dos governadores à de Lula, deve ser rejeitada.

Vida própria

"As campanhas estaduais precisam ter vida e cor próprias. Os candidatos a governador só avançarão se sustentarem programas de mudança em seus próprios Estados, e se forem expressão de blocos de forças enraizados nas

sociedades locais", diz Sokol.

Ele explica: "Para o grande público, a simples presença de Lula ao lado do candidato a governador não resulta em transferência automática de votos. Ninguém quer votar em meninos que mandam recados a Brasília. A relação entre Lula e os candidatos a governador, portanto, precisa ser de adição, não de suposta 'alavancagem'."

Resolvida esta questão política, o II Encontro deteve-se também em análises sobre os instrumentos que serão empregados de forma centralizada na campanha. O próprio jornal **Brasil Agora**, ligado estreitamente aos comitês populares, é um deles. O boletim "Lula-já", transmitido diariamente aos comitês de campanha, aos órgãos de imprensa e às organizações não-governamentais (ONGs) de todos os Estados, é outro. Foram analisados também os programas de TV e rádio dos governadores, que deverão empregar cenários e técnicas de iluminação semelhantes às do programa de Lula.

Contag desmente apoio a FHC

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) desmentiu categoricamente, no dia 15 de junho, "informações" divulgadas na véspera pelo *Jornal Nacional*, segundo as quais teria decidido dar apoio ao candidato à Presidência lançado pela coligação PSDB-PFL-PTB, Fernando Henrique Cardoso.

A entidade emitiu nota pública declarando que não reconhece tais informações contidas no noticiário da Rede Globo e esclarecendo que os trabalhadores do campo, ligados às federações associadas à Contag, ainda não definiram sua posição.

"Referida afirmação não reproduz a

posição desta Confederação. A Contag (...) não definiu apoio a qualquer candidatura à Presidência da República. A sucessão presidencial será discutida no I Congresso Nacional Extraordinário dos Trabalhadores Rurais, de 3 a 5 de agosto próximo. Nesse período, lideranças de todo o país estarão reunidas em Brasília, para definir um programa mínimo de governo a ser apresentado aos candidatos à Presidência", diz a nota, assinada por Aloísio Carneiro, presidente da Confederação.

O *Jornal Nacional*, que tem propensão para ser o organismo oficial de candidaturas de direita, mais uma vez aposta na desinformação dos trabalhadores.

Não digam diante da professora pernambucana Vera Gomes que o movimento sindical brasileiro tem se paudado por uma ação combativa porém despolitizada. Integrante do Comitê Sindical da Frente Brasil Popular, ela se defende atirando. Saca de um canto da memória, num piscar de olhos, o conjunto de iniciativas que já foram adotadas pelo Comitê Nacional dos Trabalhadores da Educação Pró-Lula. O elenco de ações é suficiente para colocar na defensiva o interlocutor. Vera, no entanto, faz questão de frisar: "É só o começo. Imagine quando entrarem em ação os químicos, os petroleiros, os metalúrgicos e os rurais".

Vera Gomes ocupa, junto com Durval Carvalho, João Vacari, Oswaldo Bargas e Delúbio Soares, a pequena sala reservada, na ampla sede da campanha da Frente, à coordenação do comitê sindical. O acanhamento das instalações contrasta com a ousadia das iniciativas. É nessa sala, conta Vera, que estão sendo organizados os comitês estaduais de sindicalistas e que foram lançados, no último dia 30, os comitês por ramo de atividade profissional.

Grito da educação

O primeiro deles - precisamente o dos trabalhadores em educação - não aguardou a solenidade para começar a funcionar. Decidiu engajar-se com empenho num conjunto de atividades deflagrado pelos sindicatos da categoria, quase todos ligados à CUT. Acredita que essa série de ações será capaz de difundir as idéias da Frente Brasil Popular entre os educadores, sem partidizar as entidades.

A mobilização começa em 1º de agosto. Nesse dia o comitê lança o "Grito da Educação". Organizou a distribuição, em escolas de todo o país e para professores, alunos e pais, de um dossiê detalhado sobre a crise da rede pública de ensino, em todos os graus.

Debatido entre 1º e 15 de agosto, o dossiê fornecerá subsídios para que

se discutam, na quinzena seguinte, os programas dos diversos candidatos para a educação. Vera está segura. "A simples comparação dos programas será suficiente", diz ela, "para deixar claro que apenas a Frente Brasil Popular está empenhada em resgatar o setor da crise em que os últimos governos o mergulharam, e em lutar para que a educação se transforme num instrumento de conhecimento e transformação da realidade brasileira."

Pais e alunos

Na primeira semana de setembro, o comitê de educadores promove mais uma atividade ousada. Professores, alunos e pais de todo o país, e de todos os níveis de ensino, serão convidados a participar de uma prévia nacional, na qual surgirá o candidato à Presidência preferido pelo setor. Em seguida, professores e funcionários organizam manifestações simultâneas nas delegacias regionais do MEC e nas secretarias estaduais e municipais de Educação. Pretendem entregar às autoridades responsáveis o programa de mudanças educacionais que defendem e o próprio resultado da prévia.

Na primeira quinzena de setembro, o comitê pretende ter criado em cada escola um Comitê Pró-Lula, com participação de trabalhadores, alunos e pais. Nos quinze dias seguintes, programa uma Caminhada Nacional em Defesa da Educação, com atos e passeatas em todos os Estados.

"A educação saiu na frente, mas é apenas o primeiro exemplo", diz Vera Gomes. A partir de 30 de junho, quando serão lançados os demais comitês por ramo de atividade, ela espera ter definidos vários conjuntos de iniciativas semelhantes. Nos momentos decisivos de campanha, acredita que será possível promover importantes mobilizações em defesa de relações de trabalho mais democráticas, e de transformações sociais capazes de resgatar os direitos da ampla maioria de brasileiros excluídos.

Programa de Governo será lançado agora em julho

O Programa de Governo do PT, em sua versão final, deve estar pronto e editado ainda este mês. O Diretório Nacional está fazendo a última revisão do texto, que incorpora, além dos temas já tratados no Projeto de Programa de Governo — lançado para discussão há dois meses —, as propostas para turismo, cultura, esporte e lazer, transporte, infra-estrutura e liberdade religiosa.

Entre os temas que já constavam do Projeto, e causaram polêmica, a questão da dívida externa sem dúvida teve grande destaque. Segundo João Machado, membro do Diretório Nacional, a grande diferença em relação a esse tema está na condenação do último acordo da dívida externa assi-

nado pelo Brasil com os credores internacionais, quando Fernando Henrique ainda era ministro. O Programa de Governo do PT defende uma auditoria da dívida externa brasileira e a princípio uma renegociação, sem descartar a possibilidade de suspender os pagamentos caso haja intransigência dos banqueiros.

A partir dessa proposta básica de governo, o partido vai lançar programas mais detalhados, como o de geração de empregos, apresentado à sociedade em junho. Os próximos, de acordo com João Machado, serão o de educação e o das pequenas empresas.

O **Brasil Agora** deverá publicar o Programa de Governo de Lula em fascículos, na íntegra.

CHEGOU A HORA

Coordenadores de todos os Estados organizam a tomada das ruas

“Foi o tiro de largada”, resume Gilberto de Carvalho, secretário-geral do PT e integrante do comando da campanha Lula. “Depois dessa reunião”, diz ele, “estamos preparados para sair às ruas e desfechar, em cada canto do Brasil, a mobilização popular que pode garantir nossa vitória.”

Foi de fato um encontro expressivo. Em 27 e 28 de junho, coordenadores da campanha da Frente Brasil Popular de todos os Estados (exceto TO, RR e DF) e representantes de todos os comitês setoriais da campanha enfrentaram o frio polar que fez os termômetros baixarem a 4 graus em São Paulo e lotaram a sala de reuniões mais ampla do comitê central da candidatura Lula para avaliar os resultados alcançados pela campanha até então, e planejar os três meses finais da batalha. Embora as pastas dos participantes contivessem material para um conjunto muito amplo de temas, todos sabiam de antemão que o encontro iria se deter em dois assuntos essenciais: a relação da candidatura Lula com as dos governadores lançados pela esquerda e o conjunto de iniciativas que a Frente pretende adotar nas próximas semanas para iniciar em todo o país a segunda fase da campanha: a que implica mobilizar a militância para assegurar a vitória.

LULA E OS GOVERNADORES

O momento mais denso e polêmico da reunião, avalia Gilberto Carvalho, foi o debate sobre a estratégia da campanha na fase decisiva, que começa agora. A questão essencial era: que atitude adotar diante da clara diferença que há entre a candidatura de Lula - que tem a preferência destacada da população - e a dos candidatos a governador da Frente, que, salvo as exceções de Pernambuco e Espírito Santo, não lideram as pesquisas de intenção de voto. A discussão do tema atraiu para a reunião dois dos três vice-presidentes do PT e um número expressivo de integrantes da coordenação.

“Pouco a pouco”, conta Gilberto, “estabeleceu-se consenso em torno de algumas avaliações essenciais.” As eleições de 94, diz a mais importante delas, são uma disputa decisiva entre os projetos dos dois blocos sociais em que se dividiu a sociedade brasileira. Não podem ser reduzidas, portanto, a uma queda-de-braço entre dois candidatos ao Palácio do Planalto.

DIREITA SOB PRESSÃO

A consequência mais destacada dessa conclusão é que os coordenadores descartaram por completo, ao contrário do que chegou a especular a imprensa, a hipótese de deixar em segundo plano as campanhas para o governo dos Estados. “Os resultados seriam desastrosos”, pensa o secretário-geral do PT. “Após a vitória, haveria graves ameaças à nossa governabilidade. Ferida por um autêntico cerco de governadores hostis.”



Coordenadores da campanha reúnem-se em São Paulo, no dia 28 de junho

Além disso, prossegue ele, a idéia poderia tornar-se desastrosa até mesmo como tática eleitoral. Se os candidatos a governador do bloco conservador tiverem consolidado sua dianteira, raciocina Gilberto, eles serão pressionados, às vésperas das eleições, a “puxar” votos para Fernando Henrique. A Frente quer, portanto, mantê-los sob permanente pressão.

Esse entendimento não impediu os coordenadores de enxergar que a dianteira de Lula é o fato político de destaque nas últimas décadas; que ela provavelmente não se transferirá do mesmo modo a todos os candidatos a governador; e que portanto é preciso

manter diálogo com o eleitor que votará em Lula - porque o enxerga como símbolo da mudança - mas que ainda não vê da mesma forma os candidatos da esquerda nos Estados. Em termos muito concretos, explica Gilberto, isso implica manter a produção de materiais de campanha em que Lula figura sozinho.

A FORÇA DAS RUAS

Definida a estratégia da campanha, os coordenadores decidiram lançar um conjunto coordenado de iniciativas para levar a militância às ruas. Nos próximos dois meses a Frente Brasil Popular pretende promover cinco ou seis jornadas nacio-

nais de mobilização, capazes de repercutir em todo o país e servir de estopim para ações locais em todos os Estados.

O calendário começa no próximo dia 8, com um dia nacional de arrecadação de fundos. No melhor estilo “o tostão contra o milhão”, os militantes serão convidados a ocupar pontos centrais das capitais e grandes cidades para distribuir panfletos em favor de Lula e dos candidatos a governador e ao mesmo tempo vender materiais de campanha e arrecadar fundos junto à população. “Vamos ampliar a identificação de nossos candidatos com o povo e mostrar que nossa vitória e nosso governo dependem, em todos os aspectos, da força das ruas”, diz Gilberto.

SETEMBRO DE LUTA

Duas semanas depois, em 24 e 25 de julho, será a vez de grandes atos em todo o país pela reforma agrária. A mobilização será deflagrada com o lançamento do programa de Lula para a reforma agrária e uma nova política agrícola, e com visitas simbólicas do candidato a Palmeira das Missões (RS) e Dois Vizinhos (PR). As duas cidades são símbolos, respectivamente, da batalha dos sem-terra por um pedaço de chão e da luta dos pequenos agricultores por estímulos à produção de alimentos.

Ainda no embalo das manifestações no campo, Lula encontra-se em 25 de julho com caminhoneiros de todo o país, reunidos em comício num dos entroncamentos rodoviários mais movimentados do país - o que une as vias Fernão Dias e Presidente Dutra. Pouco depois, entre 8 e 12 de agosto, a Frente Brasil Popular promove a Semana da Juventude; e comemora, a 12 de agosto, o Dia da Trabalhadora Rural.

O calendário de mobilizações nacionais chega ao ápice em 7 de setembro, quando a Frente pretende frisar a importância da luta pela soberania nacional com novas ações em todas as capitais. A idéia, antecipa Gilberto, é participar com criatividade dos próprios desfiles militares, assistidos todos os anos por grandes contingentes populares.

Rodada de comícios sai logo

Um estudo detalhado da situação da campanha em cada Estado, que já começou a ser feito, ajudará a Frente Brasil Popular a definir, nos próximos dias, uma rodada de grandes comícios que deverá abranger quase todas as capitais e um número expressivo de grandes cidades.

O sucesso do comício de São Paulo, que reuniu 50 mil participantes no dia 12 de junho - bem mais que em 1989, à mesma época -, está animando os coordenadores da campanha Lula a ousar. “A idéia”, diz Gilberto de Carvalho, “é promover uma rodada de manifestações tão vibrante como a das últimas eleições, e se possível com mais gente.”

Agenda Lula

(de 2 a 12 de julho)

- | | |
|------|--|
| 2/7 | Participação, em Salvador, das manifestações que comemoram a independência da Bahia, conquistada após guerra contra os portugueses. Visita a Santo Amaro da Purificação, onde será recebido por dona Canô, mãe de Caetano Veloso; abraço do rio Subaê. |
| 3/7 | Chegada a Belo Horizonte, de onde sai a Caravana pelo Rio São Francisco. |
| 4/7 | Chegada a Piunhi, para participar de ato público e conhecer as nascentes do “Velho Chico”. Ato público em Formiga e visita a Serra e Lagoa de Prata. |
| 5/7 | Encontro com prefeitos da região, em Lagoa de Prata; atos públicos em Bom Despacho e Curvelo. |
| 6/7 | Caminhada pelo comércio em Três Marias e visita à Colônia dos Pescadores. Visita a Buritizeiros. Encontro com lideranças em Pirapora. |
| 7/7 | Passeio de barco pelo São Francisco, em Fazenda. Visita ao Cemitério de Fábricas de Montes Claros. Ato público em Januária. |
| 8/7 | Comícios na Praça Matriz de Carinhanha e em Bom Jesus da Lapa. Visita a Paratinga. Ato público em Ibotirama. |
| 9/7 | Atos públicos em Barra e Xique-xique. Jantar e pernoite no barco. |
| 10/7 | Ato público em Remanso. |
| 11/7 | Debate em Sobradinho sobre “O Rio São Francisco: potencial e perspectivas”. |
| 12/7 | Encerramento da caravana em Juazeiro. Ato público em Petrolina. |